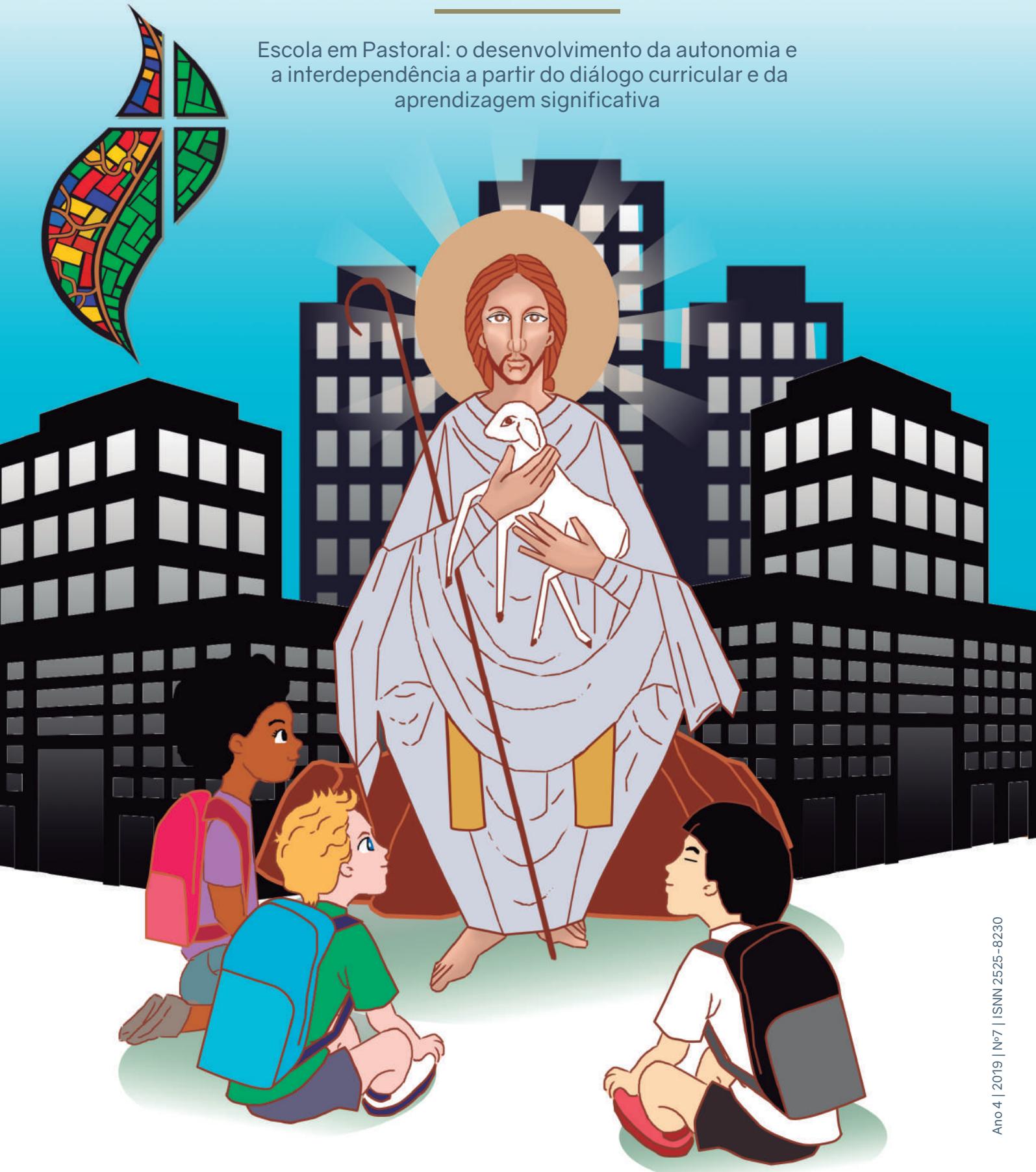


Revista de Pastoral

Escola em Pastoral: o desenvolvimento da autonomia e
a interdependência a partir do diálogo curricular e da
aprendizagem significativa





SUMARIO

EDITORIAL	6
ARTIGO 1	
Em tempos de BNCC, como fica a Pastoral Escolar na Escola Católica?	9
ARTIGO 2	
A abrangência da comunicação não violenta no processo educativo leitura e escrita para a cultura da paz	21
ARTIGO 3	
O Espírito Evangélico, a ação profética e a postura missionária como características de uma Escola em Pastoral	32
ARTIGO 4	
Escola violenta? Diálogo, afetividade, leitura e escrita para a cultura da paz	39
ARTIGO 5	
Princípios cristãos para a educação do século XXI	53
ARTIGO 6	
V Expoagostiniana retrata Agostinho de Hipona como “Homem entre outros homens” e sua busca inquieta da felicidade	63
AGENDA	72
ESTANTE	73

EXPEDIENTE
(Revista de Pastoral da ANEC)
Publicação Semestral

**ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE
EDUCAÇÃO CATÓLICA DO BRASIL - ANEC**

CONSELHO SUPERIOR

Ir.^a Irani Rupolo - Presidente
Pe. Mario Sundermann - Vice-presidente
Ir.^a Cláudia Chesini - Secretária

CONSELHEIROS

Frei Gilberto Gonçalves Garcia
Ir. Iranilson Correia de Lima
Ir.^a Ivanise Soares da Silva
Pe. João Batista Gomes de Lima
Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães
Pe. Josafá Carlos de Siqueira
Pe. Maurício da Silva Ferreira
Ir.^a Márcia Edvirges Pereira dos Santos

DIRETORIA NACIONAL

Ir. Paulo Fossatti - Diretor Presidente
Ir.^a Adair Aparecida Sbega - Diretora 1^a Vice-Presidente
Ir. Natalino Guilherme de Sousa - 2^a Vice-Presidente
Ir.^a Marli Araújo da Silva - Diretora 1^a Secretária
Prof. Francisco Angel Morales Cano - Diretor 2^o Secretário
Pe. Roberto Duarte Rosalino - Diretor 1^o Tesoureiro
Frei Claudino Gilz - Diretor 2^o Tesoureiro - Pastoral

EQUIPE EDITORIAL

Frei Claudino Gilz - Diretor/Setor Pastoral
Ir.^a Cláudia Chesini - Editora-Chefe
Prof. James Pinheiro dos Santos - Editor

CONSELHO EDITORIAL

Frei Cláudio Gilz - Rede Bom Jesus e ANEC
Prof. Antônio Boeing - Educação Básica e Ensino Superior
Dom Antônio de Assis Ribeiro - Amazônia
Pe. Danilo dos Santos Pinto - Setor Universidades da CNBB
Prof. Guinartt Diniz - Mantenedoras da ANEC
Pe. Eduardo Rocha - Setor Educação da CNBB
Prof. Humberto Contreras - Faculdade Padre João Bagozzi
Pe. José Alves de Melo Neto - Grupo Educacional Bagozzi
Prof. José Leonardo dos Santos Borba - Colégio La Salle Abel
Ir.^a Marli Araújo da Silva - Educandário Santa Teresinha
Prof. Rodinei Balbinot - Cong. Irmãzinhas da Im. Conceição
Ir.^a Valéria Andrade Leal - Rede de Educação Sagrado
Prof. Matheus Cedric - Colégio Medianeira/RJE
Prof. Josimar Azevedo - Belo Horizonte/MG
Prof.^a Roberta Guedes - Câmara de Educação Básica da ANEC

COMITÊ DE AVALIADORES

Prof. Antônio Boeing - Educação Básica e Ensino Superior
Dom Antônio de Assis Ribeiro - Educação Básica e Ensino Superior
Alair Matilde Naves - PUC Minas
Edilaine Vieira Lopes - Educação Básica
Prof. Humberto Contreras - Setor Universidades/ Ensino Superior
Prof. Rodinei Balbinot - Educação Básica
Ir.^a Valéria Andrade Leal - Educação Básica
Pe. Eduardo Rocha - Pastoral da Educação da CNBB
Pe. José Ivanildo Melo - Rede Salesiana/AM
Prof. Matheus Cedric - Col. Medianeira
Sérgio Junqueira - Educação Básica e Ensino Superior
Thiago Alves Torres - MOBREC - Movimento Brasileiro de Educadores Cristãos
Pe. João Mendonça - CRB

PRODUÇÃO GRÁFICA E EDITORIAL

Ir.^a Cláudia Chesini - Secretária
Frei Cláudio Gilz - Diretor 2 Tesoureiro - Pastoral
Comunicação ANEC/Agência Bear

EDITORIAL

ESCOLA CATÓLICA EM PASTORAL: O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA E DA INTERDEPENDÊNCIA A PARTIR DO DIÁLOGO CURRICULAR E DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA.

A 2.^a edição da Revista de Pastoral da ANEC – 2019 visa contribuir para o aprofundamento do tema *Escola em Pastoral*, fundamental à educação católica, com algumas palavras muito familiares: autonomia, interdependência e aprendizagem significativa. Por que, não seria um exagero, envidar esforços para o alcance de tal objetivo?

Porque uma instituição de ensino católica está atenta para, todos os dias, contribuir na formação das pessoas para a vida em plenitude. Os fundadores e fundadoras de nossas Congregações ‘descobriram’ na prática, por meio da experiência de se deixar impregnar pela Graça de Deus, um modo peculiar de fazer acontecer o desenvolvimento integral do ser humano. Buscaram a contextualização dos temas no plano curricular de ensino baseando-se nas boas práticas que o Evangelho de Jesus Cristo tanto inspira e embasa. Sabiam eles que uma aprendizagem significativa se apoia em tais pressupostos educacionais e religiosos.

Se a sociedade de hoje exige qualificação profissional de todos que almejam ingressar no mercado de trabalho, as instituições de ensino católicas vão além, ao oportunizar a seus alunos a formação integral, inspirada na Boa Nova do Reino de Deus. Vão além – e aqui é necessário lembrar – sem denegrir ou menosprezar em nada a contribuição das descobertas científicas e seus avanços. Vão além, realçando a importância de se fomentar a igualdade como princípio e a autonomia intelectual como meta vigente (cf. KANT, 1999; cf. ROUSSEAU, 1992; cf. NIETZSCHE, 2008; cf. DURKHEIM, 2012; cf. VYGOTSKY, 1991; cf. PIAGET, 1996 e cf. DEBUS, 2018) nos processos acadêmicos alinhados à legislação educacional.

Freire (2006, p. 45) afirma que:

[...] é preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...] uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugue.

Nas páginas a seguir, uma reflexão de enorme relevância a ser desenvolvida pelo leitor: em tempos de implementação da BNCC, como fica a proposta de uma Escola Católica em Pastoral?

Os autores dos artigos irão – cada um a seu modo – nos ajudar a perceber que,

na escola católica, a Pastoral Escolar tem a missão específica de cuidar; de integrar, educadores e educandos, numa cultura e experiência de comunidade e; assim, despertar, aprofundar e cultivar a fé como meta em prol de uma educação tanto integral como integradora de vida para todos. Irão nos mobilizar a compreender a Pastoral Escolar como uma instância instauradora das condições e dos cuidados para a promoção do diálogo, da abertura, do acolhimento, da fé e do cultivo dos valores do Evangelho em meio ao cotidiano escolar.

EM TEMPOS DE BNCC, COMO FICA A PASTORAL ESCOLAR NA ESCOLA CATÓLICA? É o questionamento de Sônia Itoz e Sérgio Junqueira quando afirmam que é, a partir dos princípios humanísticos, que, “especificamente, a escola católica tem a responsabilidade de oferecer uma visão de iniciação à fé católica e de ofertar a oportunidade de aprofundamento e vivência dos ensinamentos de Jesus”.

A ABRANGÊNCIA DA COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA NO PROCESSO EDUCATIVO, escrito por Rosa Maria dos Santos e Nilo Agostini. Os autores abordam a “amplitude da comunicação não violenta dentro do processo educativo”, caracterizando a postura não violenta do educador por meio do diálogo e do encontro, a partir dos documentos da Igreja e da visão da abordagem empática de Edith Stein, buscando formar pessoas conscientes e livres.

O ESPÍRITO EVANGÉLICO, A AÇÃO PROFÉTICA E A POSTURA MISSIONÁRIA COMO CARACTERÍSTICAS DE UMA ESCOLA EM PASTORAL, escrito por Edgley Cassiano Delgado. No artigo é apresentado que “o espírito evangélico, a ação profética e a postura missionária são características inerentes ao processo de evangelização próprio de uma escola, que ao beber na fonte da palavra de Deus, no carisma dos seus fundadores, na capacidade criativa dos seus educandos e educadores torna-se um espaço, que vai além dos conteúdos, possibilitando uma formação integral baseada em valores”.

ESCOLA VIOLENTA? DIÁLOGO, LEITURA E ESCRITA COMO ESTRATÉGIAS PARA A CULTURA DA PAZ, escrito por Edilaine Lopes, aborda sobre as formas de minimizar a violência dentro e fora do ambiente escolar, motivados pelo tema da Campanha da Fraternidade de 2019, sobre Políticas Públicas.

No texto sobre **PRINCÍPIOS CRISTÃOS PARA A EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI**, Gregory Arrial apresenta com destreza “o distanciamento do Pai Celeste que culmina na busca desesperada pela felicidade. Devido à falta de orientação, os jovens acabam procurando-a momentânea e não eternamente”, e o fazem de maneira não construtiva.

E, no Relato de Experiência, um grupo de professores descreve suas vivências por intermédio do texto V EXPOAGOSTINIANA: RETRATA AGOSTINHO DE HIPONA COMO “HOMEM ENTRE OUTROS HOMENS” E SUA BUSCA INQUIETA DA FELICIDADE.

Assim apresentamos, brevemente, a riqueza de nossas instituições socializada através destes textos. Desejamos uma boa leitura!



Frei Cláudio Gilz



Irmã Cláudia Chesini

EM TEMPOS DE BNCC, COMO FICA A PASTORAL ESCOLAR NA ESCOLA CATÓLICA?

Sérgio Rogério Azevedo Junqueira¹
Sonia de Itoz²

RESUMO

A escola católica encontra sua missão específica na missão da Igreja que, socioculturalmente, orienta para o projeto de Jesus de Nazaré. A concepção humano-cristã do mundo e da realidade é a principal especificidade da escola católica e o que faz a diferença na realidade onde está inserida. A catolicidade de uma escola é dada por sua centralidade na pessoa de Jesus Cristo ao desenvolver seus ensinamentos e vivenciar seu jeito de viver. A inspiração provém da pessoa humana de Jesus que, de forma totalmente aberta e acolhedora, estabelece relações com cada um, com cada uma e com todos. Especificamente, a escola católica tem a responsabilidade de oferecer uma visão de iniciação à fé católica e de ofertar a oportunidade de aprofundamento e vivência dos ensinamentos de Jesus. Nessa perspectiva, na escola católica, a pastoral escolar tem a missão específica de cuidar e de integrar, educadores e educandos, numa comunidade e, assim, despertar, aprofundar e cultivar a fé como meta de uma educação que se faça integral e integradora de vida para todos. A pastoral cria condições e cuida com esmero para incentivar o diálogo, a abertura, o acolhimento, a expressão de fé e busca discernir os valores fundamentais tornando possível a evangelização.

Palavras-chaves: Educação - Evangelização - Pastoral Escolar - Planejamento.

ABSTRACT

The Catholic school finds its specific mission in the mission of the Church, which socioculturally guides the project of Jesus of Nazareth. The human-Christian conception of the world and of reality is the main specificity of the Catholic school and what makes the difference in the reality where it is inserted. The catholicity of a school is given by its centrality in the person of Jesus Christ, in developing his teachings and experiencing his way of living. The inspiration comes from the human person of Jesus who, in a totally open and welcoming way, establishes relationships with each one, with each one and with all. Specifically the Catholic school has the responsibility to offer a vision of initiation to the Catholic faith and to offer the opportunity to deepen and cultivate faith as a bet of an education that becomes integral and integrating life for all. Pastoral care creates conditions, takes care to encourage dialogue, openness, acceptance, expression of faith, and seeks to discern fundamental values, thus making evangelization possible.

Keywords: Education - Evangelization - Pastoral School - Planning.

¹Livre Docente e Pós-Doutor em Ciência da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Pós-Doutor em Geografia Cultural pela Universidade Federal do Paraná, Doutor e Mestre em Ciências da Educação da Universidade Pontifícia Católica Salesiana (Roma, Itália), Licenciado em Pedagogia na Universidade de Uberaba, Diretor do Instituto de Pesquisa e Formação Educação e Religião (IPFER). srjunq@gmail.com

²Mestre em Educação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Graduada em Filosofia e Teologia. Pesquisadora do Instituto de Pesquisa e Formação, Educação e Religião (IPFER). Coordenadora de Ensino Religioso e de Pastoral Escolar do Colégio Emilie de Villeneuve, em São Paulo. Autora de materiais e artigos de Ensino Religioso e Pastoral Escolar. soniadeitz@gmail.com

> Introdução

Nestes tempos de Base Nacional Comum Curricular – BNCC, outros desafios e outros horizontes colocam-se para o jeito de fazer educação, na educação básica. O que nos leva a perguntar, mediante o contexto e cenário, onde e como se coloca o papel da pastoral escolar para a escola católica.

Repetidamente se diz que, em um tempo próximo passado, o componente curricular Ensino Religioso entrou na pauta da educação, e especificamente da escola católica, para constituir-se uma personalidade no currículo escolar. Atualmente a Base Nacional Comum – BNCC, da Educação Básica, institui o Ensino Religioso como área do conhecimento com competências a serem desenvolvidas durante o percurso escolar. A BNCC propõe trabalhar o Ensino Religioso a partir seis competências a serem desenvolvidas nas unidades temáticas: Identidade e Alteridade; Manifestações Religiosas; e Crenças Religiosas e Filosofias de Vida. O “conhecimento religioso”, objeto do Ensino Religioso, dar-se-á verticalmente nos anos/séries escolares por objetos de conhecimento e habilidades que devem ser tratados no processo educativo de crianças e adolescentes.

É perceptível que o ensino e a aprendizagem a serem desenvolvidos pelo Componente Curricular Ensino Religioso, nos eixos temáticos e nos objetos de conhecimento, podem vir a somar e contribuir com a identidade e o carisma dos fundadores/as da escola católica.

No entanto, o específico que identifica e diferencia a escola católica e o carisma fundacional ou o patrimônio cultural religioso recebido necessita de um

espaço para evidenciar-se e tornar-se ação. Perpassando assim por toda a ação educativa, envolvendo profissionais e estabelecendo momentos singulares. Esses espaços e momentos são nomeados pastoral escolar.

A pastoral escolar, assumida como sujeito no mesmo patamar de componente do currículo escolar, é delineada e garantida com função educativa nos espaços e na atuação. É a pastoral escolar a ação que deliberadamente expressa a identidade religiosa/institucional e que evidencia o diferencial de uma escola católica das demais escolas da sociedade.

É importante considerar que a pastoral escolar não é uma instância ou apenas um departamento, ou algo equivalente, que irá exercer a função de manter o que identifica e o jeito de fazer educação católica. Para tanto foi constituído socioculturalmente o termo escola em pastoral para dizer que o todo da escola, o seu currículo, em sua mais ampla abrangência, deve ser expressão, garantir a identidade cristã e o carisma dos fundadores. Para que efetivamente haja uma ação de escola em pastoral é necessário que se implemente o cuidado e o zelo por todas as pessoas que constituem a comunidade escolar.

Dessa forma, ainda que a ação de cuidar e zelar passe por todas as intenções da escola, é a pastoral escolar que, fazendo paralelo com as demais instâncias organizacionais, cuida, zela, organiza e acompanha diretamente o que caracteriza a ação da confissão religiosa,, no aspecto da espiritualidade cristã-católica e do carisma congregacional. E demanda a constituição de uma equipe especialista em pastoral escolar, com coordenação específica, e que disponha

de programas e infraestruturas, contando, principalmente, com intenções políticas e pedagógicas por parte dos dirigentes da escola.

Portanto, a intenção deste artigo é contribuir com a pastoral escolar nas suas implicâncias e atuações dentro do espaço da educação básica.

➤ Apresentando a questão da pastoral escolar

Desde os primórdios da escola católica, a organização, a participação e a contribuição à sociedade, fazem parte de seu papel e de sua função social. Por condição de sua concepção, ela deve oferecer um modelo de educação acadêmica de qualidade e de formação sólida dos valores humano-cristãos às novas gerações. Como um espaço de Igreja, a escola católica é portadora, em seu educar e formar, de uma missão dada desde os primeiros tempos do cristianismo: evangelizar. Tal dimensão coloca-se nas intenções, processos e na atuação concreta da escola católica. Evangelizar é a premissa que evidencia a identidade de ser escola católica na realidade em que está inserida, e no processo sociocultural e histórico da humanidade.

O fundamental para a escola católica é que no seu espaço, e na sua atuação de ensino e aprendizagem ocorra um processo de evangelização, ou seja, a efetivação do marco de ensinamentos propostos nos Evangelhos, desenvolvendo competências, nos educadores e educandos, marcadas pelo cuidado e pela fraternidade que acolhe cada pessoa com as características das quais é portadora. É um tipo de evangelização

que se dá no movimento constante e que, na terna alegria de acolher o outro, requer desenvolver habilidades pessoais de amor, ternura e compaixão do Deus cristão. É um tipo de educar que mostra braços imensamente abertos e acolhedores, que dá continuidade à ação do Filho de Deus, Jesus, para atingir e transformar o coração do ser humano e levar a uma realidade de educação integral e de vida plena. Para tanto, sinaliza o Papa Francisco que

A melhor motivação para se decidir a comunicar o Evangelho é contemplá-lo com amor, é deter-se nas suas páginas e lê-lo com o coração. Se o abordamos desta maneira, a sua beleza deslumbra-nos, volta a cativar-nos tantas vezes e sem conta. Por isso, é urgente recuperar um espírito contemplativo, que nos permita redescobrir, a cada dia, que somos depositários dum bem que humaniza, que ajuda a levar uma vida nova. Não há nada de melhor para transmitir aos outros³.

Em seus escritos em geral, o pontífice tem destacado uma concepção de educação católica que se torna uma oportunidade para a formação do ser humano na sua integralidade. Uma oportunidade de abertura à realidade, como compromisso de coerência e testemunho, de ação desafiadora e de qualidade. E, ele insiste que isso deve ser assumido e feito sem medo de ousar, relacionando unidade à diversidade, e à pluralidade. Essas devem ser, hoje mais do que nunca, premissas que orientem as propostas e práticas de ensino e aprendizagem das escolas católicas.

³PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. Vaticano, 2013, 264. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em 28 ago. 2018.

> A organização da pastoral escolar

No que tange à educação religiosa católica, o espaço escolar, tanto real quanto virtual, apresenta-se como um território privilegiado de evangelização que deve apontar para os valores fundamentais do cristianismo, e alinhar o discurso e a prática pastoral ao estudo do fenômeno religioso presente no ser humano e nas culturas, de maneira coerente e integrada para criar condições a uma prática evangelizadora.

Os elementos apresentados a seguir podem servir como uma proposta para a elaboração e atuação da pastoral escolar.

Antes de tudo, é importante ratificar, com insistência e destaque, que a pastoral escolar não é apenas mais um departamento que possa vir a justificar a dimensão de escola católica ou da escola em pastoral. Ao contrário disso, sua ação precisa estar diretamente integrada em todo o processo de ensino e aprendizagem.

Assim, o departamento de pastoral escolar é responsável pela proposta e pela organização de processos evangelizadores, que, insistimos, precisam ser assumidos por todos, ou seja, toda ação pedagógica precisa absorver e desenvolver uma prática que evidencie a escola em pastoral. Por consequência, a pastoral escolar necessita estar imbuída da proposta pedagógica a fim de não correr o risco de suas propostas e ações serem julgadas como incoerentes, desarticuladas e desorganizadas.

Na elaboração do projeto político pedagógico, a pastoral escolar constitui-se e dá a conhecer o seu projeto de atuação e seus objetivos próprios, sendo

desde aí desafiada a estar em conexão e coerência com o todo. Em outras palavras, para que a ação evangelizadora se concretize e a pastoral escolar cumpra sua função de maneira eficaz e eficiente, faz-se necessária uma proposta de qualidade, com um planejamento coerentemente articulado em suas ações e condutor de uma práxis que se faça missão de educar-evangelizar e de evangelizar-educar.

Um projeto político-pedagógico e os planejamentos dele decorrentes só podem ser avaliados e considerados eficientes, ou tendo atingido os objetivos a que se propõe, quando apontarem e contiverem em si a força que os impulsiona a entrar em execução. A efetivação de um planejamento precisa garantir que sua execução seja viabilizada. O tempo dedicado e investido para se planejar é que multiplica e torna efetiva a aplicação dos objetivos, ações, recursos, processos e avaliação. Um caminho traçado para objetivar as intenções a que um planejamento se propõe é que dá segurança e certeza de colocar na prática um tipo de ensino e aprendizagem que atendam às demandas da realidade local e global.

Para isso, antes de tudo, é necessário que esteja claro aonde se quer chegar - os objetivos, e os meios - estratégias, das quais se lançará mão para tentar atender às necessidades imediatas que se apresentam. Delineado os objetivos gerais, determinar-se-ão os objetivos específicos da ação pastoral, ou os passos que serão desencadeados para atender e atingir o objetivo principal, e, na sequência, as estratégias e metodologias que ajudarão a execução do planejamento. Para maior clareza, é importante que se busque uma funda-

mentação que ampare uma concepção atual e eficiente sobre os objetos de conhecimento a que a pastoral escolar irá desenvolver, e com os quais irá atuar na sua situação e realidade.

Nesse aspecto, é necessário construir um planejamento de ação, dentro de um determinado período e com prioridades, para a pastoral assumir em suas atividades, e colocar em prática seus objetivos. Com um planejamento de atuação tem-se a intenção de potencializar a efetividade da ação pastoral de maneira conjunta e articulada a fim de que o seu resultado possa gerar frutos e diminuir os equívocos do processo.

Uma vez planejada a ação, é sempre possível adequar as práticas à realidade pastoral local, sem perder de vista as diretrizes norteadoras do processo que estão no projeto político-pedagógico da escola. Mas, para que o planejamento das ações se efetive, é necessário que se organize a estrutura da pastoral escolar. Para tanto, é preciso contar com os recursos humanos que estarão, direta e indiretamente, envolvidos em suas atribuições e competência; com os espaços físicos e de tempo no calendário escolar; com materiais e recursos básicos para que a efetividade da proposta pastoral seja possível e, não menos importante, é preciso estabelecer pontualmente momentos avaliativos do processo da ação pastoral.

Todos esses aspectos precisam ser pensados e organizados para que a ação evangelizadora na escola tenha um caráter identitário e, ao mesmo tempo, para que aponte caminhos possíveis para uma ação efetiva. Uma vez planejadas as ações e organizadas as bases fundamentais para o melhor desempenho da pastoral escolar, parte-se para a con-

cretização daquilo que se almeja.

O momento da concretização é também o espaço mais real da sensibilidade e do caráter plástico do olhar para perceber os processos, identificar os desafios e as incoerências e fazer mudanças ou validar acertos.

Portanto, é a avaliação constante e permanente do processo da pastoral escolar que faz e pode tornar a evangelização uma prática concreta, viva e significativa na comunidade escolar. Razão pela qual, o planejamento não ser algo estanque e pronto, mas um processo que através de sua efetivação e análise se afirma, reconstrói e/ou se modifica.

> Coordenação da pastoral escolar

Organização é trabalho em conjunto, sistematizado, com planejamento, objetivos, metodologia de aplicação e avaliação. Toda ação organizada pressupõe uma equipe que irá desenvolver e responder pelos resultados almejados. Toda equipe necessita de uma coordenação que irá mediar as estratégias definidas, subsidiar a evangelização, como processo de ensino e aprendizagem, e avaliar o processo das ações. Pois,

“a credibilidade de uma ação organizada (organizar + ação = organização) depende de fatores como: clareza de conceitos, planejamento participativo, capacidade de gerenciamento de conflitos, legitimidade e carisma da coordenação”. Sem a clareza dos conceitos perde-se a referência de onde se quer partir e até aonde se quer chegar. O planejamento precisa ser democrático e colaborativo pelo maior número possível de agentes envolvidos. Essas escolhas acarretam em motivação e

⁴ANJOS, M. ITOZ, S.; JUNQUEIRA, S. Pastoral escolar: práticas e provocações. São Paulo: Santuário, 2015, 92.

corresponsabilização na efetivação do trabalho e em sua eficácia. Porém, o trabalho coletivo e democrático corrobora para a expressão subjetiva e daí a grande importância do gerenciamento na mediação dos conflitos que são produtivos quando canalizados e bem trabalhados para a construção e efetivação do objetivo comum. Isso não será possível se não houver uma coordenação dotada de carisma e legitimidade.⁵

Para coordenar uma ação organizada, não bastam somente boas intenções e, menos ainda, ter certo poder institucional ou mesmo um preparo técnico. É preciso carisma, no sentido teológico do termo: dom e santidade. E, para isso, é condição sine qua non de que seja um profissional preparado academicamente, portanto, trate a pastoral escolar com profissionalidade e profissionalismo. Assim, a coordenação da organização pastoral na escola deverá se afinar com aquilo que a Igreja espera de seus pastores, ou seja, aqueles que são capazes de ver o todo e ver longe, ter encantamento pela causa e clareza dos conceitos.⁶

A coordenação de pastoral entende que a escola é todo um conjunto orgânico de estruturas educacionais – físicas, cognitiva, intelectual, cultural, religiosa –, necessárias para levar à prática um projeto pedagógico educativo dentro da função cultural que exerce. Assim, quando o projeto educativo congrega valores cristãos e práticas de eclesiabilidade dizemos que é uma escola católica, ou uma escola de orientação, princípios e valores cristãos.

A atribuição geral da coordenação de pastoral escolar é a de assessorar, planejar, integrar e acompanhar todas as

ações curriculares, pedagógicas e evangelizadoras conduzidas pela equipe gestora e coordenadores da escola. O coordenador da pastoral escolar é um profissional que deve ter desenvolvido a competência de uma visão complexa, ou seja, deve congregar as diferentes experiências pastorais, de forma que sua ação seja um elo e comprometimento entre o projeto político-pedagógico da escola e a pastoral escolar.

São competências pedidas e esperadas de uma coordenação de pastoral escolar:

- Gerenciar de forma participativa a proposta de pastoral escolar.
- Aplicar a proposta de pastoral escolar, acompanhar, mediar sua implantação e auxiliar na avaliação dos resultados.
- Envolver-se com a formação permanente em serviço.
- Desenvolver a formação da equipe de pastoral dentro dos objetivos do projeto político pedagógico e da proposta da pastoral escolar.
- Participar de reuniões estratégicas de gestores da escola.
- Manter alinhados os objetivos pastorais e pedagógicos em consonância com gestores e coordenações pedagógicas.
- Subsidiar e indicar material de apoio às equipes da escola.
- Operacionalizar meios de socialização das atividades e experiências pastorais.
- Garantir os objetivos gerais e metodológicos da proposta pastoral.

⁵ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL/ Regional Sul II. Pastoral da educação e missão evangelizadora da Igreja: texto referencial para grupos de base. CNBB/Sul III: Curitiba, 2007, 9 – 10.

⁶ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL/ Regional Sul II. Pastoral da educação e missão evangelizadora da Igreja: texto referencial para grupos de base. CNBB/Sul III: Curitiba, 2007, 9 – 10.

- Incentivar o engajamento em projetos sociais.

O foco da ação evangelizadora e pastoral deve desembocar nas questões e necessidades da comunidade educativa; visto ser na dimensão do espaço da comunidade educativa que efetivamente acontecem e se desenvolvem programas, projetos e atividades pastorais que irão repercutir os objetivos da evangelização. Razão pela qual a escola precisa investir na implementação e organização, com tudo o que se faz necessário, de uma efetiva e eficaz pastoral dentro dos processos orgânicos que a compõem.

Para isso, é importante ressaltar que o primeiro e principal responsável pela vivência pastoral dentro da unidade escolar é diretamente o/a diretor/a escolar, já que está sob o seu comando toda a gerência das atividades que permeiam a amplitude da realidade escolar.

Nesse aspecto, na mesma dimensão e competência da coordenação pedagógico-educacional, na escola católica cabe ao coordenador de pastoral escolar articular ações da identidade cristã e do carisma fundacional, traduzidos na pastoral escolar, nos distintos segmentos, faixas etárias e com os mais diferentes e diversos grupos que se constituem na escola. Logo, por ser uma atuação diretamente implicada no espaço escolar, torna-se necessário que o coordenador de pastoral escolar tenha uma ampla visão pedagógico-educacional para que considere e entenda sobre o processo da didática de ensino e aprendizagem.⁷

Além disso, compete também a essa coordenação levar a desenvolver, de forma participativa, a proposta de pastoral escolar. Para isso é preciso trabalhar com espírito de cooperação e

integração junto a gestão, coordenações e serviços em geral da escola, ter habilidade de administrar ações da equipe de pastoral, acompanhando e colaborando em suas atividades, bem como subsidiar, com materiais pertinentes e adequados, a formação permanente.

O coordenador de pastoral escolar deve, ainda, pautar o trabalho dentro das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja, ou seja, promover momentos de formação cristã e do carisma institucional, no âmbito escolar, em vista da evangelização e da formação de todas as equipes da escola, como: oportunizar momentos de estudo, tendo como fonte principal a Palavra de Deus; atuar integradamente com a equipe pedagógico-educacional na organização de atividades interdisciplinares evangelizadoras, missionárias e sociais; fomentar o espírito da escola em pastoral em todos os setores para que se tornem instrumentos de evangelização em suas práticas específicas; assessorar os mais diversos grupos escolares, com prioridade o de crianças, adolescentes e jovens; incentivar a organização de celebrações, retiros, encontros, formações e momentos de espiritualidade pastoral para os alunos, colaboradores e toda comunidade escolar; estimular nos educadores e educandos o processo de autoformação; animar e coordenar a pastoral da juventude e a animação vocacional em comunhão com a Congregação, a Paróquia e a Diocese.

Em síntese, para que os objetivos da pastoral escolar sejam alcançados é necessário: uma organização própria que começa com o profissional, material

⁷ ANJOS, M. ITOZ, S.; JUNQUEIRA, S. Pastoral escolar: práticas e provocações. São Paulo: Santuário, 2015, 128.

humano, que irá compor a equipe de gestores educacionais da escola; uma equipe de profissionais capacitados para atender as demandas da pastoral escolar; um território concreto para organizar a ação, ou seja, espaços físicos específicos para efetivar o trabalho dos envolvidos e para realizar atividades, ações e formações; recursos materiais que apoiam a efetivação das práticas pastorais e constar nos cronogramas oficiais e horários da escola a atuação da equipe de pastoral.

> A equipe de pastoral escolar

Além da coordenação da pastoral dentro da escola é importante que se constitua uma equipe que atue com diferenciados dons e habilidades como o da oratória, da interpretação coerente com a leitura teológica católica, da música e do canto, da mística cristã e da abertura às especificidades e aos diferentes, dentre outras. É necessário também que se dedique, cuide, pense, execute e acompanhe com um olhar próprio da pastoral escolar as ações evangelizadoras dentro da comunidade educativa. Cada profissional é dotado de diferentes dons, habilidades e competências, somando e contribuindo para que o trabalho da pastoral escolar abranja o maior universo possível do espaço escolar, das pessoas e das situações que se fizerem presentes.

O número de integrantes de cada equipe de pastoral escolar deve variar de acordo com as necessidades da comunidade educativa. Comunidades maiores necessitam de um maior número de agentes que coloquem seu olhar, se façam presentes no cotidiano da escola e no seu processo de ensino e aprendizagem. O parâmetro para se constituir uma

equipe de pastoral coloca-se no número de ações e atividades diversificadas que a escola desenvolve. Esse é um bom indicativo para a formação de uma equipe pastoral considerando que é fundamental ter agentes com diferentes dons, habilidades e competências pessoais.

Para a realização das ações evangelizadoras é importante que todos os integrantes da equipe tenham habilidades de abertura para o diálogo, para a escuta atenta, para o acolhimento e uma consciência apurada para o exercício da ética e da moral nas situações que se apresentam. É necessário que sejam cristãos autênticos, que procuram viver o Evangelho, desenvolvendo antes em si e, como posicionamento, nos educandos, o engajamento missionário e pastoral. Em síntese, devem ser mediadores de boas práticas no campo pedagógico-educacional-pastoral.

Os membros da equipe de pastoral devem conhecer o projeto político-pedagógico da escola, seus valores, objetivos e suas linhas de ação, precisam saber e ter propriedade do discurso religioso e eclesial, ou seja, conhecer as diretrizes da Igreja na América Latina, bem como conhecer e imbuir-se da vivência do carisma congregacional, como herdeiros da missão de Jesus e do/a Fundador/a.

Como consequência, uma equipe de pastoral necessita:

- Ser sensível à realidade que a cerca, com atenção cuidadosa e proativa para a ação.

- Investir constantemente na formação, estudo e aperfeiçoamento pessoal e profissional.

• Desenvolver relacionamentos afetivos sinceros, fracos e solidários a fim de gerar e gerir relações interpessoais saudáveis.

• Ter habilidade para tomada de decisões, mediante situações emergentes.

• Ter sensibilidade ética para apoiar educandos e educadores que necessitem de auxílio em suas dificuldades e desafios.

• Ter a capacidade de autoavaliação permanente para que as próprias práticas sejam revistas e aperfeiçoadas.

• Ser criativa, proativa e responsável diante dos objetivos a que se propõe⁸.

É importante salientar que a prática educativa, pastoral e evangelizadora deve acontecer de maneira integrada e ser objetivo de todos os envolvidos. Constituir cotidianamente uma escola em pastoral potencializa a evangelização visto que todos os agentes da escola se veem coparticipantes do Evangelho e de um carisma específico, como missão a ser desempenhada na ação escolar cotidiana.

Assim, a equipe de pastoral escolar irá planejar, acompanhar e executar e, por fim, avaliar e (re)significar às atividades pastorais da escola, razão pela qual precisa contar com pessoas com perfil para exercer essa função, capacitadas por formação acadêmica específica, neste caso teologia e pedagogia, e humano e profissionalmente competentes.

Para que realmente se efetive uma escola em pastoral, é necessário considerar que haja dedicação de tempo e de espaço da instituição: só assim a equipe

de pastoral, “através do testemunho dos valores evangélicos, leva a plasmar a comunidade, de forma que permeie em profundidade todo o ambiente escolar, bem como a cultura local.”⁹

No entanto, é preciso ressaltar e deixar claro que o desafio da prática pastoral na escola não se reduz à função de um grupo. A equipe de pastoral escolar é, antes de tudo, um discípulo de Jesus e um pedagogo de seu tempo para reverberar e repercutir o Reino de Deus, por meio das ações e práticas pastorais. Para tal, a formação teológico-espiritual e pedagógica é que fundamentam a realização eficiente e eficaz do trabalho de pastoral escolar.¹⁰

A função da equipe de pastoral escolar é imensamente desafiadora, pois é necessário que a mesma tenha claro o processo de evangelização que precisa estabelecer na escola. Para isso, é essencial primeiro haver sensibilização. Segundo, uma predisposição para o anúncio da proposta de Jesus de Nazaré. E, terceiro, ter convicção da força que emana de um carisma congregacional na história da humanidade. Desta forma é possível e mais eficaz que as práticas pastorais na escola ecoem como autêntico testemunho do Evangelho de Jesus de Nazaré na vida concreta das pessoas.

Portanto, são competências humano-educacionais que levam a assumir essa missão e que devem fazer parte do perfil identitário daqueles que se comprometem com a pastoral escolar.

Todavia, é evidente, como já dito anteriormente, que a vivência pastoral

⁸ JUNQUEIRA, S. Pastoral escolar conquista de uma identidade. Petrópolis: Vozes 2003.

⁹ PAPA JOÃO PAULO II. Carta Apostólica Novo Millenio Ineunte. Vaticano, 2001, n.29. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html. Acesso em: 27 de ago. 2018.

¹⁰ JUNQUEIRA, S. Pastoral escolar: conquista de uma identidade. Petrópolis: Vozes, 2003, 49.

dentro das unidades educativas não é restrita apenas ao setor responsável por seu fomento: a pastoral precisa ser assumida por todos os integrantes da comunidade escolar, a partir das práticas acadêmicas e profissionais.

➤ Planejamento, projetos e atividades da pastoral escolar

A operacionalização de um planejamento de pastoral escolar ocorrerá por meio de propostas, programas e projetos que servirão de referencial para a comunidade educativa. Assim, é necessário planejar e desenvolver objetos de conhecimento – temas e conteúdos – e atividades, no intuito de atingir os objetivos e as expectativas evangelizadoras propostas.

É o planejamento a referência para a ação pastoral, e que se torna também orientação para articular projetos de ação e atividades. A estruturação de cada atividade poderá variar de acordo com o segmento e o público com o qual será desenvolvida.

No planejamento da pastoral escolar serão sugeridas atividades que terão sempre em vista a realização dos objetivos propostos: em geral, essas devem ser pensadas e atingir, em maior ou menor escala, todos os segmentos e setores da comunidade escolar.

O planejamento tem a finalidade de promover o itinerário evangelizador dentro da prática pedagógica, garantindo a coerência entre a ação educativa e a razão de ser da escola confessional católica. Além disso, deve levar em conta as diversas frentes e níveis da ação pastoral na escola, explicitando o pro-

cesso de iniciação cristã ao longo de todo o percurso da educação básica do aluno. Para tal, um planejamento não pode ser estático e centralizador, mas precisa estar atualizado, e intimamente ligado à realidade da Igreja e da comunidade escolar local, ser solidário à vivência dos envolvidos e participativo para que sua prática gere resultados significativos¹¹.

Para a operacionalização das ações evangelizadoras na comunidade escolar é necessário que tudo esteja integrado e se planejem as ações de toda a organização escolar: os planejamentos e projetos atendem à realidade local de uma comunidade escolar, o que exige contextualização e aproximação das práticas, para que se consiga gerar sentido e alcançar os objetivos propostos.

No intuito de favorecer a articulação da atividade pastoral, sugere-se que haja inicialmente momentos reflexivos de estudos para compreensão e apropriação de conceitos e fundamentos que levem a tomar consciência, ter clareza do que se quer, e melhor delinear e delimitar tema, justificativa, objetivos, competências, habilidade¹², metodologias e avaliação.

Entenda-se:

Delimitação do tema: apresenta com clareza explícita e escrita o objeto específico, concreto e final ao qual se destina o projeto de pastoral escolar. Pode servir como título do projeto, visto que o tema delimita sua abrangência local e temporal.

Justificativa do projeto de pastoral escolar: apresenta as razões pelas quais

¹¹ANJOS, M. ITOZ, S.; JUNQUEIRA, S. Pastoral escolar: práticas e provocações. São Paulo: Santuário, 2015, 129.

¹² Grifo nosso, conforme estabelece o MEC na BNCC, p. 436s, 2017. Em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>

se dá e a relevância do que se espera dos objetivos a serem desenvolvidos. Em princípio precisa dar conta de responder e fundamentar respostas para as perguntas: por que fazer e para que fazer um projeto de pastoral escolar?

Objetivos gerais e específicos: enunciam, com clareza e delimitação, o que será feito. Estão relacionados às respostas que querem ser alcançadas com a efetivação das atividades. Enquanto o objetivo geral é mais amplo e genérico, os objetivos específicos são os passos concretos e pontuais a serem desenvolvidos e devem ser explicitados por verbos no infinitivo, como: desenvolver, animar, celebrar, solidarizar, dentre outros.

Competências a serem trabalhadas e desenvolvidas pelo projeto de pastoral escolar: estabelecem as qualidades que se espera desenvolver no projeto de pastoral. São competências que permitem resolver situações do cotidiano, tomar decisão para conduzir as próprias relações e ter capacidade de conviver.

“As competências são um conjunto de habilidades harmonicamente desenvolvidas e que caracterizam por exemplo uma função/profissão específica: ser arquiteto, médico ou professor de química. As habilidades devem ser desenvolvidas na busca das competências.”¹³

Habilidades: são a aplicação prática das competências a serem desenvolvidas, a partir das que foram propostas no projeto de pastoral escolar.

“As habilidades estão associadas ao saber fazer: ação física ou mental que indica a capacidade adquirida. Assim, identificar variáveis, compreender

fenômenos, relacionar informações, analisar situações-problema, sintetizar, julgar, correlacionar e manipular são exemplos de habilidades”.¹⁴

Metodologias: caminhos propostos para se chegar a um determinado fim. Apresenta o cronograma de realização do projeto, descreve as tarefas e ações, explicita os envolvidos e os recursos necessários.

Avaliação: é necessário explicitar o processo e de que forma cada atividade será avaliada, diagnosticando se a atividade alcançou os objetivos propostos, as limitações e entraves, dentre outros. A avaliação é fundamental para a validação do projeto de pastoral e sua prática, e para que haja possíveis correções, atualizações, mudanças e replanejamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pastoral escolar é um espaço de evangelização na educação, lugar de reflexão e de apoio para os educadores, educandos, famílias e comunidade. É uma ação que interage com a educação no seu sentido mais amplo e profundo, pois se coloca na perspectiva de enfrentar desafios humanos e de desenvolver sentido de vida e esperança.

Como uma ação organizadora da comunidade escolar é também um espaço de reflexão e de prática da mensagem evangélica, é presença da ação da Igreja para a construção do Reino de Deus.

Por meio de processos pedagógicos dinâmicos e criativos, a pastoral

¹³MORETTO, V. P. Reflexões construtivistas sobre habilidades e competências. Dois Pontos: Teoria & Prática em Gestão. Belo Horizonte, v. 5, n. 42, p. 50-54, maio/junho 1999.

¹⁴MORETTO, V. P. Reflexões construtivistas sobre habilidades e competências. Dois Pontos: Teoria & Prática em Gestão. Belo Horizonte, v. 5, n. 42, p. 50-54, maio/junho 1999.

escolar promove o encontro com os valores do Reino, propostos por Jesus, razão pela qual tem como proposta ajudar cada educando a encontrar o seu próprio tesouro e a manter viva a sua fé, horizonte de sentido em direção à verdade plena e guia para um desenvolvimento integral.

E quando organizada em todos os níveis de ensino, a pastoral escolar torna-se espaço de ação-reflexão-atuação. Ao fazer sobressair a presença amorosa de Deus Pai/Mãe, a comunidade educativa percebe e constata a beleza de ser e de existir na força do Criador, presente em todos os âmbitos da vida, porque uma das principais metas da pastoral escolar é zelar e cuidar do processo de crescimento integral de cada pessoa.

Instância destinada a subsidiar a escola em sua organização e desempenho para que esta possa cumprir da melhor forma possível o serviço de evangelizar,¹⁵ a pastoral escolar tem como finalidade salvaguardar sua confessionalidade, zelando para que cada educando tenha um encontro com Jesus, assuma seus valores e tenha uma vivência que emana de tal relação/encontro.

Em síntese, a pastoral escolar deve ser fonte que alimenta a comunidade educativa de forma a garantir que realmente se constitua em uma escola em pastoral.

REFERÊNCIAS

ANJOS, M. ITOZ, S.; JUNQUEIRA. S. *Pastoral escolar: práticas e provocações*. São Paulo: Santuário, 2015.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL/ Regional Sul II. *Pastoral da educação e missão evangelizadora*

da Igreja: texto referencial para grupos de base. CNBB/Sul III: Curitiba, 2007, 9 – 10.

JUNQUEIRA, S. *Pastoral escolar conquista de uma identidade*. Petrópolis: Vozes 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA – MEC. *Base Nacional Comum Curricular - BNCC*, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wps-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>.

MORETTO, V. P. *Reflexões construtivistas sobre habilidades e competências. Dois Pontos: Teoria & Prática em Gestão*. Belo Horizonte, v. 5, n. 42, p. 50-54, mai./jun. 1999.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Vaticano: 2013, 264. https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudiu.html. Acesso em: 28 ago. 2018.

PAPA JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Novo Millenio Ineunte*. Vaticano: 2001, nº. 29. http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html. Acesso em: 27 ago. 2018.

¹⁵ANJOS, M. ITOZ, S.; JUNQUEIRA. S. *Pastoral Escolar: práticas e provocações*. São Paulo: Santuário, 2015, 87.

A ABRANGÊNCIA DA COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA NO PROCESSO EDUCATIVO LEITURA E ESCRITA PARA A CULTURA DA PAZ

Rosa Maria dos Santos ¹

Nilo Agostini ²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma amplitude da comunicação não violenta dentro do processo educativo e sua abordagem indispensável. Em primeiro lugar, encontra-se a comunicação não violenta como uma postura e um comportamento a serem aplicados por cada educador. Em seguida, apresentamos a cultura do diálogo e do encontro como meio eficaz diante da indisciplina, embasados em documentos da Igreja. Posteriormente, demonstramos como a abordagem empática na visão de Edith Stein poderá influenciar e beneficiar no processo educativo, inclusive diante da indisciplina e sua problematização. E, finalmente, identificamos na educação para a liberdade uma postura heroica nos dias atuais, formadora de pessoas conscientes e livres.

Palavras-chave: Autonomia - Comunicação não Violenta - Empatia - Liberdade.

ABSTRACT

This article aims to present a range of nonviolent communication within the educational process and its indispensable approach. First, nonviolent communication is a posture and behavior to be applied by each educator. Next, we present the culture of dialogue and encounter as an effective means in the face of indiscipline, based on Church documents. Subsequently, we demonstrate how the empathic approach in Edith Stein's view can influence and benefit the educational process, including the indiscipline and its problematization. And finally, we have identified in freedom education a heroic posture today, which forms conscious and free people.

Keywords: Autonomy - Nonviolent communication - Empathy - Freedom.

¹Graduada em Direito pela Universidade São Francisco, com especialização em Conciliação e Mediação. Atualmente é aluna especial do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, da Universidade São Francisco. E-mail: rosa.maria@usf.edu.br

²Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos SP, doutor em Teologia pela Universidade de Ciências Humanas de Strasbourg, França. Docente e pesquisador no Curso de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação, na Universidade São Francisco, campus de Itatiba. E-mail: nilo.agostini@usf.edu.br

> Introdução

A sociedade na condição atual deve aprender cada vez mais a gerir e ter competências na gestão de conflitos. Nisso, é indispensável o papel do educador. A comunicação é o meio mais eficaz para uma boa convivência em sociedade. É desafiador gerir e lidar com a qualidade dessa comunicação.

A qualidade da comunicação e a capacidade na gestão de conflitos são decisivas na formação e sensibilização no processo de ensino do aluno. Nesse processo, a indisciplina e a violência escolar são desafios que hoje fazem parte do dia a dia do educador. As mudanças sociais refletem diretamente no relacionamento entre as pessoas, sendo necessário o resgate dos valores morais e da empatia no processo educativo.

A cultura demandista e não resolutiva gera homens passivos, incapazes de lidar com conflitos corriqueiros e cotidianos. O resgate do diálogo e da comunicação saudável cada vez mais deve ser uma preocupação do educador. Por isso, a proposta deste artigo é considerar e debater a qualidade, e os alcances da comunicação na formação de sujeitos capazes de tomar decisões e resolver conflitos de forma pacífica.

A proposta para o caminho e o alcance de tal objetivo reside no processo educativo através da comunicação não violenta, por meio da empatia; lidando de maneira madura com os conflitos escolares e as indisciplinas. Não há, porém, um manual a ser redigido e seguido à risca; ao contrário, diante de cada realidade buscam-se soluções em que o professor e o aluno sejam capazes de estabelecer uma relação autônoma e livre, cientes de que o educador bem preparado vive os valores que ministra ou transmite. O caminho mais eficaz para

esta comunicação passa pela autenticidade e a confiança na relação educador-educando, alcançando a credibilidade pela relação respeitosa.

> A comunicação não violenta

A comunicação deve ser compreendida como um elemento de humanização, que possibilita o diálogo das pessoas entre si e com o mundo. Além disso, a comunicação na relação dialógica é necessária para o despertar de um sujeito pensante. Paulo Freire chama a atenção para o efeito nocivo de uma educação bancária não dialógica, quando mulheres e homens são transformados em meros objetos. Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, Freire aponta para a comunicação e o diálogo como indispensáveis para a educação. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores, que buscam a significação dos significados”. (FREIRE, 1983, p. 69).

Tendo em vista que a comunicação está inserida no processo educativo, é necessário pensar na qualidade dessa comunicação e como ela feita, é vivenciada por parte dos educadores. É nesse âmbito que abordamos a comunicação não violenta no processo de ensino e aprendizagem.

A comunicação não violenta implica em dirigir-se aos outros de maneira afável, como um ser magnânimo, capaz de criar um ambiente de paz. Marshall Rosenberg em seu livro *Comunicação não violenta* (2006) apresenta técnicas para se relacionar com outros, começando consigo mesmo. Enfatiza a empatia e a escuta ativa, abandonando os pré-julgamentos e estando disposto a estar ali

numa presença verdadeira. Sendo assim, a comunicação não violenta nos faz refletir sobre a maneira através da qual nos expressamos ou nos colocamos à escuta. Cabe ter consciência da mensagem que queremos transmitir. O Professor Jean Marie Muller fundador e diretor do Instituto de Pesquisa sobre a Resolução não violenta de Conflitos na França disserta, em seu livro *O princípio da não violência a respeito de tal conduta*:

A paz não é não pode ser e nunca será a ausência de conflitos, mas sim o controle, a gestão e a resolução dos conflitos por outros meios que não os da violência destruidora e mortal [...]. A não violência não pressupõe, portanto, um mundo sem conflitos. Não tem como projeto político construir uma sociedade em que as relações entre os homens estejam alicerçadas unicamente na confiança, visto que esta só pode ser estabelecida através das relações de proximidade, só pode ser efetivada na relação com o próximo. (MULLER, 2007, p. 20)

Uma ressalva é importante. Quão poucas são as pessoas que estão dispostas a escutar, a ler e a dialogar com os que não pensam igual a elas. Escutar ou ler algo que não condiz com as minhas aspirações e meu modo de pensar, além de ser um ato de paciência, é um ato de profundo respeito pelo próximo e cada vez menos praticado. Independente de comungar ou não com as ideias de outrem, sempre será a oportunidade de um aprendizado.

Porém, o escutar não é uma tarefa fácil, como afirma Rubem Alves: “Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória. Mas acho que ninguém vai se matricular. Escutar é complicado e útil”. (1933, p. 65)

É necessário investir numa escuta paciente sem interromper, sem criticar ou sem demonstrar desinteresse com palavras e atitudes. E, neste ponto, podemos abordar algo que nos passa despercebido, ou seja, a postura na qualidade de escuta, que diz muito mais do que as palavras; ouvir com atenção envolve nossa postura e nossa linguagem corporal, também ilustrada aqui como linguagem não verbal.

Para escutar, no entanto, é imperioso dedicar atenção ao que é dito e, mais do que isso, mais do que isso, considerar o que é dito como possibilidade, mesmo que diferindo do que se pensa ou se propõe. Criar uma boa atmosfera é um grande passo para facilitar os processos integrativos. Dentro dessa inclusão, desenvolve-se o papel do educador; ele deve ser aquele que facilita a integração com as demais pessoas e com a sociedade, cuidando das relações e agindo de maneira a pacificar essas relações; desenvolve, desta forma, uma postura colaborativa.

Partimos do pensamento de que tudo é comunicação, e que essa é a mais básica e vital de todas as necessidades humanas depois da sobrevivência física. Todo o comportamento pode ser entendido como uma mensagem de comunicação, mesmo que não seja verbal. Podemos dizer que a comunicação humana não está resumida somente a palavras, mas os gestos e expressões completam a comunicação e as tornam mais compreensíveis e eficazes, sendo muitas vezes mais esclarecedoras do que as próprias palavras.

Assim sendo, as falhas na comunicação, de forma geral, podem ocorrer por falta de percepção ou mesmo ruídos ao se comunicar. A compreensão da fala

é uma parte do processo comunicativo. A comunicação não verbal refere-se às maneiras de expressão que não utilizam palavras ou escrita e engloba o aprendizado dentro de uma cultura, em seus gestos, expressões faciais, postura corporal e tom de voz.

No processo de ensino atual, há uma preocupação intensa em relação à metodologia de aprendizagem da leitura e da escrita, mas pouco se discute e passa despercebido o déficit no letramento comunicativo. Diversos estudos demonstram essa lacuna no processo de formação, o que reflete diretamente nos relacionamentos interpessoais. Em uma sociedade em que se busca e se exige tanto conhecimento, cada vez menos as crianças são estimuladas a lidar com os conflitos e isso gera uma sociedade que não sabe dialogar pacificamente.

As pesquisas científicas atuais evidenciam que o uso adequado de uma boa comunicação é tão ou mais importante que o domínio da linguagem verbal, compreendendo que expressões e manifestações corporais são elementos essenciais. É o que evidencia Charles Darwin, na obra *The Expression of The Emotions in Man and Animals*; ele estudou os princípios gerais da comunicação dos animais e dos homens, com o propósito de pesquisar se as mesmas expressões e gestos têm o mesmo significado.

➤ A cultura do diálogo como meio eficaz diante da indisciplina

Fundados numa concepção cristã, somos convidados a contribuir para uma sociedade de valores e buscar uma educação humanizadora através de uma gramática do diálogo (VERSALDI, 2017, §12). Este cria um ambiente propício para o amadurecimento da responsabilidade coligada à verdadeira liberdade. O desa-

fio é criar um novo humanismo, em que o diálogo contribua cada vez mais ao bem comum, baseado na formação de uma cultura do encontro.

Nas meditações matutinas do dia 13 de setembro de 2016, o Papa Francisco enfatizou a necessidade de cultivar uma cultura do encontro. Fez-nos este convite:

Um convite a trabalhar pela «cultura do encontro» de modo simples, «como fez Jesus»: não só vendo mas olhando, não apenas ouvindo mas escutando, não só cruzando-se com as pessoas mas detendo-se com elas, não só dizendo «que pena, pobrezinhos!» mas deixando-se arrebatar pela compaixão; «e depois aproximar-se, tocar e dizer: “Não chores” e dar pelo menos uma gota de vida». (FRANCISCO, 2016).

A convivência multicultural, que é uma realidade do mundo atual, pode ocasionar muitas vezes incompreensões e conflitos, supõe o respeito como chave principal que abre caminho para uma atitude constitutiva de cada cristão. A orientação que nos vem do documento *Educar ao Humanismo Solidário: Para construir uma “Civilização do Amor”*, da Congregação para a Educação Católica, se refere justamente ao diálogo, enquanto este deve estar estreitamente relacionado com a cultura de paz:

A cultura do diálogo não significa simplesmente conversar para se conhecer, de modo a facilitar o encontro entre cidadãos de diferentes culturas. Mas, o autêntico diálogo ocorre num quadro ético de requisitos e atitudes formativas, bem como de objetivos sociais. Os requisitos éticos para dialogar são a liberdade e a igualdade: os participantes do diálogo devem estar livres de seus interesses contingentes e dispostos a reconhecer a dignidade de todos os interlocutores. Esses comportamentos são baseados na coerência com o próprio universo de valores. Isso se traduz na intenção geral de conciliar as ações com as declarações, isto é, de associar os princípios éticos anunciados (por exemplo paz, igualdade, respeito, democracia...) com as escolhas sociais e civis realizadas. Trata-se de uma «gramática do diálogo», como indicado pelo Papa Francisco, capaz de «construir pontes e [...] encontrar respostas para os desafios do nosso tempo. (VERSALDI, 2017, §12)

O documento engloba diversos aspectos da dialogicidade, em sua diversidade. Cada cidadão é convidado a ser sujeito participante na construção desta cultura do diálogo.

A educação para o humanismo solidário tem a delicada responsabilidade de assegurar a formação de cidadãos dotados de uma adequada cultura do diálogo. Além disso, a dimensão intercultural é frequentemente vivida nas salas de aula de todos os tipos e níveis, bem como nas instituições universitárias, portanto é a partir delas que se deve difundir a cultura do diálogo. O quadro de valores, no qual vive, pensa e age o cidadão formado para o diálogo, é baseado em princípios relacionais (gratuidade, liberdade, igualdade, coerência, paz e bem comum) que entram de modo positivo e decisivo nos programas didáticos e formativos das instituições que prezam o humanismo solidário. (VERSALDI, 2017, §14)

Deve ser uma característica de toda educação cristã fomentar o diálogo pacífico em que se permita o convívio da diversidade na construção de uma sociedade melhor, baseado no humanismo solidário. Trata-se de um itinerário que se funda na ética e promove a defesa da liberdade de consciência. Os conflitos na sociedade atual não são de posições, mas de necessidades, desejos, preocupações e temores. São esses conflitos que devem ser identificados e explicitados. Vivemos num contexto de grande avanço tecnológico que tem forte influência no processo educativo, com a realidade captada cada vez mais pelo viés virtual aguçando desejos e criando novas necessidades.

Atualmente, existe uma estimulação em demasia do sistema límbico do cérebro, que é a unidade responsável pelas emoções e comportamentos

sociais; isso tem forte incidência no processo educativo, podendo causar uma falta de paciência e cansaço nos relacionamentos interpessoais, criando uma sociedade imediatista e fragmentária, na qual a solidão se faz presente. Compreendemos, então, que a humanidade tem uma desesperada necessidade de diálogo; porém, somente através da escuta ativa será possível dialogar. Sabemos que um bom comunicador é aquele que sabe escutar.

É sabido que, nesse contexto, a indisciplina é igualmente uma realidade recorrente e que cada vez mais se faz necessário abordá-la. Os professores a enfrentam como um grande desafio pedagógico em sala de aula. Sob a perspectiva de Paulo Freire, o educador é convidado a conhecer o dia-a-dia do aluno, pois a indisciplina é uma consequência do ambiente em que ele vive, onde pode estar sofrendo diversas influências que o levam a ter tal conduta. Afirmamos isso sem cair no desacerto de generalizar qualquer comportamento isolado.

A indisciplina é sim um grande problema e um desafio a ser superado. Entretanto, o que pode ocasionar uma problematização ainda maior é a falta de experiência e conhecimento dos educadores de como agir diante da indisciplina em sala de aula. Vivemos numa sociedade fragmentada, onde a arte de educar é muitas vezes apresentada como algo trabalhoso e que demanda paciência por parte dos pais³. Por ser penosa essa tarefa, gera-se uma sociedade onde a criança não é capaz de assimilar, que faz

³O amor de Deus não é matéria de ensino, nem de prescrições. Não aprendemos de outrem a alegrar-nos com a luz, ou a desejar a vida, ou a amar os pais ou educadores. Logo que entra na escola dos divinos preceitos, o homem toma conhecimento desta força, apressando-se em cultivá-la com ardor, nutri-la com sabedoria e levá-la à perfeição, com o auxílio de Deus. Da Regra mais longa, de São Basílio Magno, bispo (Resp. 2,1: PG 31,908-910, Séc. IV)

parte da formação do sujeito o respeito às regras dentro de sala de aula e também na vida em sociedade. E, com isso, os valores humanos acabam sendo relegados como algo secundário.

Porém, ao abordar tal tema, não podemos cair no desacerto de problematizar a criança e não citar que na verdade ela se torna reflexo de diversos fatores, como os conflitos familiares e os problemas sociais que o cercam. Além disso, identifica-se a postura negativa de diversos educadores que, em sua insegurança, podem agravar mais ainda esse quadro; tentam impor respeito pelo título que têm e não por seu relacionamento humano de educador. Vejamos o que afirma Paulo Freire:

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 1996, p.73)

Nesse mesmo sentido, o documento Dimensão Religiosa da Educação na Escola Católica aborda a figura do professor e sua grande responsabilidade na assimilação dos valores éticos cristãos; o professor é o eixo e agente fundamental no projeto educacional. Vejamos o texto:

Ele é pessoa chave, agente essencial na realização do projeto educativo. A incidência do seu ensino está, porém, conexa com o seu testemunho de vida, que aos olhos dos alunos atua eficazmente em seu ensino. Espera-se, pois, que ele seja uma pessoa rica de dons da natureza e da graça; capaz de testemunhá-los na vida; adequadamente preparado para o seu ensino; dotado de uma ampla base cultural e profissional, pedagógica e didática, aberto ao diálogo. (BAUM, 1998, §96)

Espontaneamente, os alunos irão assimilar e caracterizar os atributos de humanidade que o educador vive. O mesmo documento caracteriza o professor como sendo aquele que “possui uma límpida visão do universo cristão e vive de harmonia com ela, consegue conduzir os alunos a essa clara visão e incita-os a uma ação coerente”. (BAUM, 1998, §96)

O educador tem um papel fundamental na assimilação das regras e dos comportamentos. O primeiro passo a se conquistar é o respeito humilde, além de ter a capacidade de ver o processo de ensino como uma troca de experiências mútuas, pelas quais ambos aprendem a incrível arte do relacionar-se sem deslizar na utilização do autoritarismo. Busca-se sempre compreender o contexto social no qual aquele aluno faz parte.

A falta de limites dentro do primeiro ciclo social, que é a família, reflete negativamente na inserção da criança em sala de aula. A família tem deixado para a escola o cargo de educar e instruir sem sequer ensinar valores basilares. Diante de tal desafio, não se deve nem cair numa mera culpabilização nem assumir uma postura omissa, mas buscar soluções palpáveis para resolução de tal conflito, buscando identificar possíveis agentes. Importa, antes, identificar as causas, fruto de uma atitude empática, baseada no diálogo. Isso é decisivo no dia a dia do educador, pois cada vez mais é frequente a necessidade de gerir ou mediar conflitos.

> A mediação pela empatia em Edith Stein

Quando se aborda a temática da empatia, não se pode deixar de citar o

conceito em Edith Stein. Para ela, a dialogicidade tem papel fundamental, enquanto expressão de uma vivência individual. Seguindo a linha husseriana⁴, ela aponta para a dialogicidade enquanto constitui o elemento em que se busca o significado cognitivo nas relações interpessoais que, traduzido numa atitude, procura viver o valor fundamental do respeito. Isso representa vivenciar o alheio numa relação de reciprocidade. Nesse contexto relacional de entrosamento, se cultiva a empatia, vivenciando as experiências que são propiciadas no encontro com as singularidades de cada ser humano.

No contexto atual, atentos aos processos educativos, constatamos que as experiências estão à deriva, sem relacionamentos continuados, sem a marca da plenitude. Sob a perspectiva de Edith Stein, podemos considerar, como requisito indispensável, a plena autonomia e a íntegra posse de dignidade da pessoa humana em sua individualidade, para que depois disso estas sejam capazes de assimilar valores em si mesmo e nos outros, um sentir o que o outro sente. Desse modo, a empatia acaba se tornando uma dimensão relacional qualitativa, considerando como essencial o tempo e espaço das relações, não vivendo projeções, mas relações de fato.

Marshall Rosenberg afirma: "Não pense que o que diz é empatia. Assim que pensa que o que diz é empatia, estamos distantes do objetivo. Empatia é onde conectamos nossa atenção, nossa consciência, não o que falamos" (2006, p.156);

e conceitua mais profundamente uma postura empática como sendo a que segue em seu texto:

A empatia é a compreensão respeitosa do que os outros estão vivendo. O filósofo chinês Chuang-Tzu afirmou que a verdadeira empatia requer que se escute com todo o ser: "Ouvir somente com os ouvidos é uma coisa. Ouvir com o intelecto é outra. Mas ouvir com a alma não se limita a um único sentido - o ouvido ou a mente, por exemplo. Portanto, ele exige o esvaziamento de todos os sentidos. E, quando os sentidos estão vazios, todo o ser escuta. Então, ocorre uma compreensão direta do que está ali mesmo diante de você que não pode nunca ser ouvida com os ouvidos ou compreendida com a mente". (ROSENBERG, 2006, p. 156)

Através da escuta ativa deve ser vivenciada a empatia, uma escuta interessada, demonstrando estar atendo ao que está sendo dito, não sendo algo fingido ou forçado, mas gratuito, com qualidade da presença. Como ensina Thomas Gordon, importa estar desrido de sentimentos e disponível ao outro "como ele é" e não "como o vejo" ou "como gostaria que ele fosse", evitando o julgamento de valores.

Assim, a empatia na visão de Stein, vai além da compreensão psíquica, desdobrando-se numa plena aceitação e consciência de si mesmo, sem cair no desacerto de um discurso abstrato "experienciando a experiência alheia". Através da empatia, não é possível viver a experiência do outro, podendo cair no desacerto de um mero sentir com outro. O desafio impreterível é chegar a

⁴Edith Stein foi discípula de Edmund Husserl, filósofo alemão nascido em Prossnitz, fundador da Fenomenologia, judeu de origem rica, estudou Física, Matemática, Astronomia e Filosofia nas universidades de Leipzig, Berlim e Viena. Foi professor na universidade de Halle e na Universidade de Göttingen; professor titular da Universidade de Freiburg, na Alemanha. Suas principais obras foram Logische Untersuchungen, Ideen zu einer reinen Phänomenologie e Formale und transzendentale Logik: Versuch einer kritik der logischen Vernunft.

vivenciar um único sentimento numa pedagogia integral e integradora nesta disponibilidade face ao outro.

➤ O desafio de educar para paz, com liberdade e autonomia

A educação deve ser um perene caminho para almejar a liberdade e a autonomia, numa transformação da Educação do homem-objeto ao homem-sujeito. Emerge o sujeito ético-político, não como aquele que se vê incapaz diante de tanta imoralidade e corrupção, mas aquele que atua no mundo junto com os outros para modificar a realidade. Esse caminho educativo inicia-se por uma tomada de consciência da crise ética em todos os campos, passando a atuar como sujeitos criadores nas transformações que se fazem necessárias.

O chamado à autonomia, sob o viés da educação, é transformar sujeitos que deixam de ser meros espectadores e figurantes, num cenário de vitimização social, a se tornarem livres e atores na sua realidade. Não bastam palavras ocas; aqui, as pessoas transitam em direção a um outro nível, emergindo para uma consciência crítica e atuante.

Freire afirma que não existe ensinar sem aprender. Dessa forma, se comprova a necessidade de uma formação contínua. Não se pode ensinar sem antes haver um aprendizado. Assim, na própria ação de ensinar, também se está aprendendo.

Nenhum tema mais adequado para constituir-se em objeto desta primeira carta a quem ousa ensinar do que a significação crítica desse ato, assim como a significação igualmente crítica de aprender. É que não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem

aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observando a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para aprender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos. (FREIRE, 1997, p. 19)

Sendo assim, no ensinar, o educador acaba analisando e revendo suas próprias atitudes. É evidente a necessidade de formação contínua; esta reside no ato de estudar, ressaltando que esse estudar não é somente uma leitura literal das palavras, mas também a leitura de mundo, capaz de formar uma análise crítica de sua própria prática, ou seja, um autoavaliação e reposição de si mesmo.

Não o autoriza a ensinar o que não sabe. A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe colocam o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática. (FREIRE, 1997, p. 19)

Claramente, verificamos a urgência da capacitação para entrar em uma sala de aula. Porém, além disso, ele carece em ser um sujeito crítico diante do conhecimento e ter a humildade necessária para rever os conceitos de ensino, em um processo perene de sua atuação como educador.

Nessa relação entre sujeito e objeto (professor e aluno), a educação

deve ser entendida como caminho comum de mútuo enriquecimento. Dessa forma, o estudar é um “que fazer” abdicado e constante. Sendo assim, cabe ao educador estimular e exemplificar o gosto pela leitura e pela escrita e, como Freire mesmo diz, ninguém escreve se não escrever, assim como ninguém nada se não nadar, ou seja, é um treino perene.

O essencial para o educador consiste em reconhecer e favorecer a missão de cada um. Freire sublinha a importância de que o professor deve ser capacitado para estar na sala de aula, para que de fato ele passe conhecimento e não somente achismos do mundo em sua volta. Contudo, primordialmente, deve ser crítico diante do conhecimento e ser humilde o bastante para rever as suas atitudes como cidadão e também como educador, mantendo um processo permanente de reflexão entre a teoria e a prática.

Freire não tinha e nem teve a intenção de escrever fórmulas prontas, nem prescrições a serem seguidas à risca, mas aponta para a necessidade de educadores pensantes, críticos e atuantes; estes, por sua vez, passarão a formar sujeitos pensantes, críticos, não sendo meros espectadores e figurantes; pelo contrário, estes serão sujeitos atuantes, capazes de ser responsáveis pelas transformações no mundo como seres da práxis, unindo reflexão e ação.

Obviamente, minha intenção não é escrever prescrições que devam ser rigorosamente seguidas, o que significaria uma chocante contradição com tudo o de que falei até agora. Pelo contrário, o que me interessa aqui, de acordo com o espírito mesmo deste livro, é desafiar seus leitores e leitoras em torno de certos pontos ou aspectos, insistindo em que há sempre algo diferente a fazer na nossa cotidianidade educativa, quer dela participemos como aprendizes, e, portanto, ensinantes, ou como ensinantes e, por isso, aprendizes também. (FREIRE, 1997, p. 19)

Dante disso, o professor não deve deixar de ler o mundo em que está imerso. Assim sendo, a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Para que o professor seja capaz de educar o aluno para uma leitura crítica, é necessário de antemão que ele mesmo se alope como um leitor crítico. O professor não se deve posicionar e compreender o mundo como um sujeito alienado. Ocorre explicitar que nesse movimento dialético de leitura de mundo entre o escrito e o convivido, entre o mundo referido e o mundo em exercício, estaria a significativa aprendizagem, a compreensão crítica necessária à transformação da sociedade.

Por isso também é que ensinar não pode ser um puro processo, como tanto tenho dito, de transferência de conhecimento da ensinante ao aprendiz. Transferência mecânica de que resulte a memorização maquinial que já critiquei. A forma crítica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura do mundo está, de um lado, na não negação da linguagem simples, “desarmada”, ingênua, na sua não desvalorização por constituir-se de conceitos criados na cotidianeidade, no mundo da experiência sensorial; de outro, na recusa ao que se chama de “linguagem difícil”, impossível, porque desenvolvendo-se em torno de conceitos abstratos. (FREIRE, 1997, p. 23)

Portanto, para que o professor possa sensibilizar o aluno para o mundo letrado, o mesmo precisa ser um modelo de leitor crítico. A leitura crítica dos textos e do mundo implica diretamente com a sua própria mudança em processo. O educador deve atuar como mestre, contudo não mestre no sentido de estar em uma posição superior, mas no sentido de maestria, de saber administrar a grande arte de se comunicar e de se rela-

cionar, pois, se de fato a comunicação fosse algo fácil, não haveria tantos conflitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir o presente artigo, podemos ressaltar que o educador tem um papel fundamental na construção de uma sociedade em que as próprias pessoas, através do diálogo, resolvam seus conflitos. Assim, a educação permite que as pessoas desenvolvam maior autonomia, deixando de fazer parte de uma cultura demandista, em que se fica dependendo do Estado para resolver questões do cotidiano. O mesmo se afirma quando as pessoas se tornam capazes de resolver seus conflitos, sem a cada vez recorrer ao Judiciário.

A sociedade atual nos apresenta cada vez mais conflitos que acompanham a complexidade na qual ela se encontra. Se almejamos a pacificação social, é preciso formar sujeitos que sejam livres e autônomos para a construção de uma consciência crítica e democrática. Essa se conquista pelo diálogo na construção de consensos, o que faz das diferenças uma chance de crescimento e não um campo de batalhas e de cultivo do ódio.

Através de um aprofundamento nos documentos da Igreja, notamos a urgência de uma ética formativa, além do aprofundamento do fenômeno da empatia. Quando se tem uma percepção favorável na “percepção do outro”, ainda que haja indiferenças, através da empatia se pode realizar a prática dialógica. Almejando resultar na cultura do encontro, cabe investir na experiência do outro,

com intenso respeito, conforme as características originárias de sua dignidade.

Sendo assim, não há meio mais eficaz para comunicação que o grande caminho do alcance da autenticidade e da confiança nessa relação educador-educando. Por fim, cabe ressaltar que a comunicação não violenta é a chave pedagógica para toda cultura e o meio eficaz para ensinar e vivenciar um diálogo desarmado e maduro, pois ser educador é sim uma atitude heroica e desafiadora, quando se tem por escopo formar e educar sujeitos, com liberdade e autonomia.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. *O amor que Acende a Lua*. Campinas: Editora Papirus, 1999.

BAREA, R. *O tema da empatia de Edith Stein [dissertação]*. Santa Maria (RS): Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Filosofia; 2015.

BAUM, W. *Sagrada Congregação para a Educação Católica. Dimensão religiosa da educação na escola católica: orientações para a reflexão e a revisão*, 1988. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccathedral/decree/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19770319_catholic-school_po.html. Acesso em: 20 set. 2019.

DARWIN, C. *A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais*. São Paulo:

FRANCISCO, Papa. **Por uma cultura do encontro.** L'Osservatore Romano. N. 37, de 15 de setembro de 2016. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html. Acesso: 24 set. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 17^a ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação como prática da Liberdade.** 10^a ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1980.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessário à prática educativa. 26^a ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1980.

_____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensina.** São Paulo: Editora Olho d'água, 1997.

LITURGIA DAS HORAS. Da Regra mais longa, de São Basílio Magno, bispo (Resp. 2,1: PG 31, 908-910, Séc.IV). Petrópolis: Vozes, São Paulo: Paulinas/Paulus/Ave Maria, 1999.

MULLER, J. M. **O Princípio da Não Violência: Uma Trajetória Filosófica.** Tradução de Inês Polegato. São Paulo: Palas Athena, 2007.

ROSENBERG, M. B. **Comunicação Não-Violenta: Técnicas Para Aprimorar Relacionamentos Pessoais e Profissionais.** Tradução Mário Vilela. São Paulo: Editora Ágora, 2006.

SENNNA, S. **O que é Comunicação Não Verbal?** Disponível em: <https://ibralc.com.br/comunicacao-nao-verbal>. Acesso em: 20 set. 2019.

STRADA, A.; PONTES, J. **Proposta Pedagógica de Schoenstatt.** São Paulo: Editora C.I., 1998.

VERSALDI, G. Congregação para a Educação Católica (dos Institutos de Estudo). **Educar ao humanismo solidário para construir uma “Civilização do Amor”.** 50 anos após a Populorum progressio, 2017. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_cathedralucado-c_20170416_educare-umanesimo-solidale_po.html. Acesso em: 20 set. 2019.

WATANABE, K. **Cultura da Sentença e Cultura da Pacificação.**

MORAES, M. Z; YARCHELL, F. L. (org.) In: **Estudos em Homenagem à Professora Ada Pellegrini Grinover.** São Paulo: DPJ, 2005.

WEIL, P; TOMPAKON, R. **O Corpo Fala.** 52^a ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001.

ZEHR, H. **Trocando as Lentes: Um Novo Foco Sobre o Crime e a Justiça.** Tradução Tônia Van Acker. São Paulo: Editora Palas Athena, 2008.

O ESPÍRITO EVANGÉLICO, A AÇÃO PROFÉTICA E A POSTURA MISSIONÁRIA COMO CARACTERÍSTICAS DE UMA ESCOLA EM PASTORAL

Professor Edgley Cassiano Delgado ¹

RESUMO

A escola católica é por natureza uma Escola em Pastoral. Assim sendo, o espírito evangélico, a ação profética e a postura missionária são características inerentes ao processo de evangelização próprio de uma escola, que ao beber na fonte da palavra de Deus, no carisma dos seus fundadores, na capacidade criativa dos seus educandos e educadores torna-se um espaço, que vai além dos conteúdos, possibilitando uma formação integral baseada em valores. Para realização deste artigo, utilizamos o método bibliográfico, focalizado em pesquisadores que discorrem sobre a evangelização, a ação pastoral e a escola, a exemplo de Anjos (2015), da Associação Nacional de Educação Católica do Brasil (2019), dentre outros. Assim, o resultado focalizou na importância das escolas católicas, educarem além dos conteúdos propostos, dentro de uma ação pastoral permeada pelo Evangelho de Jesus.

Palavras-chaves: Evangelização - Pastoral - Escola.

ABSTRACT

The Catholic school is by nature a pastoral school. This, the evangelical spirit, prophetic action and missionary posture are inherent characteristics of a school's own evangelization process, which, by drinking from the source of God's word, the charism of its founders, the creative capacity of its students and educators it becomes a space that goes beyond the contents, enabling an integral formation based on values. For this article, we use the bibliographic method, focused on researchers who talk about evangelization, pastoral action and school, for example, Anjos (2015), National Association of Catholic Education of Brazil (2019), among others. This, the result focused on the importance of Catholic schools, educating beyond the proposed contents, within a pastoral action permeated by the gospel of Jesus.

Keywords: Evangelization - Pastoral - School.

¹Licenciado em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Pós-Graduado em Ensino Religioso pela Universidade Católica de Brasília, e Pós-Graduado em Cultura e Meios de Comunicação pelo SEPAC e PUC/SP/COGEAE. É professor de Ensino Religioso no Colégio Imaculada Conceição (CIC DAMAS) e, no Colégio Nossa Senhora de Lourdes (Lourdinhas de Campina Grande/PB).

> Introdução

A reflexão que propomos, refere-se à percepção da ação pastoral, como expressão da presença e atuação das escolas católicas, no processo de formação integral dos seres humanos. Assim, é necessário que a Escola em Pastoral, seja um espaço-tempo em que Cristo esteja presente como modelo e referência. Não podemos abrir mão da nossa identidade de escola católica, que tem em Jesus inspiração, força e motivação para a missão. De acordo com as Linhas de Ação Pastoral, da Associação Nacional de Educação Católica do Brasil:

A educação é compreendida e assumida, cada vez mais, como espaço-tempo fundamental de missão, por atuar diretamente na formação humana integral, bem como, por meio dela, nos processos sociais, econômicos, políticos e culturais. Compreende-se que “uma educação humanizada, portanto, não se limita a fornecer um serviço de formação, mas cuida dos seus resultados no quadro geral das capacidades pessoais, morais e sociais dos participantes no processo educativo”. Há uma preocupação pastoral sobre o próprio currículo por parte das instituições de ensino católicas que prestam um serviço educacional à sociedade, a ponto de o currículo vir a ser também o lugar e o espaço a partir de onde se forja a própria identidade e se concretiza o ideal humano cristão. [...] “o princípio de pastoralidade, imbuído de caráter acadêmico e social, caracteriza-se por uma diversidade de iniciativas, destacando-se o cuidado para com as pessoas, a responsabilidade pelos processos pedagógicos e administrativos”. As discussões em torno desta preocupação têm convergido no conceito de ‘currículo evangelizador’ (ANECA, 2019, p. 9, grifos do autor).

Assim sendo, é de absoluta importância, a compreensão que um processo educativo humanizado vai além dos conteúdos teóricos pragmáticos. Desse modo, os resultados dessa formação com suas questões morais, éticas e sociais têm que ser considerados, por isso a preocupação pastoral, inclusive referente ao currículo deve ser algo próprio das escolas católicas. Nessa pers-

pectiva, o cuidado com as pessoas torna-se uma meta a ser alcançada constantemente, pois a responsabilidade pedagógica e administrativa configura-se como expressão desse cuidado.

> A escola católica e sua identidade

A ação pastoral reforça a identidade de nossas escolas católicas, pois o motivo maior da nossa existência, é para nós o ideal humano cristão, capaz de iluminar e fortalecer nossas práticas, e nosso jeito de ser. Assim, os carismas, as metas institucionais-administrativas e pedagógicas, encontram aqui seu sentido e sua força, pois segundo Anjos (2015, p. 40, grifos do autor):

Mas a pastoral se torna substantiva na escola quando se faz organizada e planejada. Este passo supõe igualmente que a espiritualidade do Bom Pastor, assumida pela própria instituição, no caso uma escola católica, organize e planeje uma ação pastoral para o conjunto do ambiente escolar. Não basta contar com uma escola em espírito pastoral (adjetivo). É preciso uma organização capaz de provocar, alimentar e coordenar as iniciativas desse espírito. A espiritualidade cristã se mostra robusta na escola católica em duas expressões básicas: a) desde o momento em que as pessoas gestoras da administração se tornam decididas a assumir custos e investir em pessoas habilitadas a promover e coordenar tal processo; b) e quando existem sinais concretos de interesse em crescer na qualidade e criatividade das iniciativas da pastoral escolar sem se intimidar com as coerentes exigências das atitudes do Bom Pastor.

É um passo firme na direção de uma opção de vida, de um fazer pedagógico, ancorado em um projeto de evangelização claro, sistemático, e capaz de envolver todos os que se dispõem, a integrar nossas escolas católicas. É um trabalho de adesão, que depende de planejamento, mas também de investimentos e qualificação.

Nesse sentido, o envolvimento necessita ser de todos, a começar dos que

estão responsáveis pela gestão das escolas, pois a Pastoral é algo que precisamos estabelecer como prioridade em nossas instituições. Desse modo, necessitamos de pessoas qualificadas para o exercício da organização, e articulação da ação pastoral presente na escola. É evidente que isso tem um custo e solicita da escola uma visão de investimento, em uma área que deve ser estratégica para uma escola católica.

Outro aspecto igualmente importante, é a atitude dos que fazem essas escolas, de lançarem-se na ação pastoral, sem medo diante das exigências vindas do seguimento a Jesus, o Bom Pastor. De forma criativa e empreendedora, é preciso assumir iniciativas viabilizadoras de uma ação pastoral coerente nas escolas, bem como fazer do testemunho, um marco que sinaliza o caminho a ser seguido.

Nessa perspectiva, todos na escola devem se dedicar a essa missão, do porteiro a direção, bem como os demais setores que compõe a escola precisam estar em pastoral. A maneira de tratar as pessoas, o compromisso com atitudes que fortaleçam a vivência do Evangelho, torna-se expressão de amor e paz, atitudes de quem revela o Bom Pastor.

> As condições para uma ação pastoral inequívoca

Somos convidados a pensar nessa Escola em Pastoral de modo aprofundado. Para tal, podemos refletir sobre três condições inerentes, a uma ação pastoral eficaz e comprometida: o espírito evangélico, um posicionamento profético e uma postura missionária.

Assim, essas três características, sem sombra de dúvida, contribuem para o desenvolvimento da autonomia,

viabilizando uma realidade sistêmica, na qual, a partir de uma interdependência, criam-se as condições necessárias, para uma aprendizagem significativa, baseada no diálogo curricular. Na Carta da Congregação para a Educação Católica, do Vaticano, encontramos que:

A sociedade pode beneficiar das vossas escolas como lugares onde se transmitem não só conhecimentos, mas onde se vivem e se inculcam também valores de vida; como lugares nos quais o saber iluminado pela luz da mensagem evangélica, longe de servir para dividir e distanciar os homens entre si, é considerado como um dever de serviço e de responsabilidade para com os outros. Isto significa que nas escolas católicas, num ambiente educativo e com um Projeto Pedagógico impregnado do espírito evangélico de liberdade e de caridade, se ajudam os jovens a crescer em humanidade e a unir numa síntese harmônica o divino e o humano, o Evangelho e a cultura, a fé e a vida (VATICANO, 1996, p.1).

Esse espírito evangélico, certamente ajuda os educandos em sua formação integral, levando-os ao crescimento do sentimento humano, que se une ao divino, em nome da dignidade da vida e da pessoa humana. Importante ressaltar, que estamos discorrendo sobre uma escola, que vai além do conhecimento teórico, frio e técnico.

Indubitavelmente, devemos alcançar um fazer pedagógico humanizado, no qual, os envolvidos encontrem sentido para estarem juntos, produzirem um conhecimento, que possibilite o melhoramento da vida, uma convivência satisfatória e, uma formação comprometida com valores que estejam além dos apelos do mercado.

Nesse sentido, uma Escola em Pastoral, precisa manter acesa a chama de uma mística. Chama esta, que traz

consigo os valores do Evangelho, a vivência de um carisma e, suas práticas oracionais e celebrativas. Temos aqui um campo fundamental, que alimenta a caminhada, e o fazer pedagógico, gerando a esperança e a alegria, de quem educa movido pela fé.

Isso posto, todos que integram nossas escolas, precisam estar comprometidos com essa seiva, que nos faz beber, de uma fonte inesgotável de amor e de paz. É daqui que sai o diferencial de escolas, que objetivam educar para a vida. Escolas que transcendem os conteúdos, e conseguem fazer do processo de ensino-aprendizagem, um campo fértil para cultivar relações e construir valores, que o tempo e as adversidades, da complexidade do mundo contemporâneo jamais apagarão.

Observe que a Igreja chama a atenção dos religiosos e das religiosas, para um reavivamento dos carismas, da força do testemunho dos fundadores, que encontraram na educação um valor, uma proposta de vida e uma meta a ser seguida, conforme reflexão apresentada ainda na Carta da Congregação para a Educação Católica, do Vaticano:

A Igreja precisa encontrar em vós a solicitude educacional dos vossos Fundadores e das vossas Fundadoras, para vos tornardes instrumentos decisivos no anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo, «actividade primária da Igreja, essencial e nunca concluída» no âmbito escolar (VATICANO, 1996, p.1, grifos do autor).

Percebemos que, quem se lançar em uma Escola em Pastoral, iluminado por uma postura de solicitude, é visto como instrumento decisivo ao anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo. Nesse sentido, o espírito evangélico, faz nossas escolas revelarem um Cristo Vivo e presente na caminhada.

Desse modo, professamos uma fé encarnada em uma escola que pulsa, que é a expressão do amor de um Deus que acolhe. É a força do testemunho de quem reza, da alegria do Evangelho, que se manifesta no entusiasmo dos projetos de evangelização, nas diversas iniciativas pastorais, tornando-se uma escola em movimento, aberta ao diálogo, e capaz de perceber o melhor que cada um traz dentro de si. É uma fé que promete, que tem no amor a maior de suas exigências. É um espírito evangélico, que se faz presente nos diversos setores que constituem nossas escolas.

> O profetismo nas Escolas em Pastoral

O espírito evangélico aponta-nos para o profetismo, tão necessário às Escolas em Pastoral, e igualmente fundamental, no desenvolvimento de uma prática pedagógica, propulsora de autonomia e de criticidade. O ser profético, com tudo que ele desperta, tanto aos educadores, bem como aos educandos, possibilita ações de protagonismo, em que o conhecimento se torna um aliado perfeito, na viabilização de transformações de vidas e de conjunturas.

Desse modo, a Associação de Escola Católica da Diocese, de Ponta Grossa, apresenta uma contribuição interessante, sobre o profetismo da educação em uma escola com ação pastoral. Entre os seus princípios de orientação, temos o profetismo que é visto da seguinte maneira:

A missão profética da educação está intimamente ligada à vivência profética da vida religiosa, sendo os principais indicadores: o testemunho de unidade, a prática da solidariedade e o comprometimento com a identidade católica, em fidelidade à proposta de Jesus Mestre.

O exercício do profetismo é fruto da vivência de uma espiritualidade própria (DIOCESE PONTA GROSSA, 2005, p. 1).

Observemos que a todo instante, a força da vida religiosa contribui, para a ação pastoral em nossas escolas. O profetismo presente nos carismas, interpela-nos e impulsiona-nos na direção de uma evangelização comprometida, com a solidariedade e o espírito missionário, os quais, conduzem nossas escolas a um protagonismo libertário e transformador.

Assim, verificamos que é na ação profética, presente em nossas Escolas em Pastoral, que a aprendizagem encontra seu sentido. Existe aqui uma prerrogaativa inevitável para quem profetiza: um norte. Os profetas sabem, a serviço de quem, eles realizam suas funções. Está evidente o que precisa ser denunciado e anunciado. A prática pedagógica, baseada no profetismo, traz consigo uma práxis, na qual, a teoria deixa de ser fria e distante, para tornar-se algo próximo e envolvente, pois os conteúdos dialogam com a realidade que precisa ser transformada.

Quando discorremos que os conteúdos dialogam, sinalizamos que são todos os conteúdos, dos diversos componentes curriculares. Há uma sinergia, uma confluência de saberes que se articulam, e complementam-se mutuamente. Nesse diálogo, não pode faltar aquilo que dá sentido a ação dos profetas da educação: a realidade que grita, ora pedindo socorro; ora dizendo, eu existo, e estou aqui e; ora deixando evidente o quanto é bom existir.

Na verdade, são diversos fatos, que coexistem e dialogam entre si, e com os conteúdos sistematizados. São as práticas dos nossos profissionais, com suas formações específicas e de vida. Essas realidades devem ser somadas

as dos nossos educandos, com seus familiares, amigos, e demais espaços de convivência, além das realidades de mundo, com seus mais diversos contextos.

Todas essas realidades querem revelar alguma informação e assim, como os conteúdos nos dizem sobre as diversas teorias, as realidades trazem consigo algo que tem um sentido próprio. Dessa forma, a ação profética de nossas escolas em pastoral, precisa operacionalizar uma prática pedagógica, movida na práxis e no diálogo.

➤ A missão pelo viés da educação

A missão está posta. Só educa de verdade, quem não tem medo de fazer o que o nosso amado Papa Francisco (2013), propõe: sair de si, não ter medo de se enlamear e de buscar uma educação, capaz de possibilitar que as nossas escolas transcendam, suas estruturas imobiliárias, e possam dialogar com as diferenças, e dar respostas a uma sociedade cada vez mais líquida e, complexa.

É inquestionável que a escola, com seus professores, não seja mais considerada a única detentora do conhecimento, não cabe mais verdades únicas e inquestionáveis. Estamos em tempos de diálogos profundos, em que as diferenças enriquecem todos os que se encontram abertos a elas. Não há mais espaço para o fechamento, pois de acordo com o Papa Francisco:

A evangelização obedece ao mandato missionário de Jesus: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do pai, do Filho e do espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado” (Mt 28, 19-20). Nestes versículos, aparece o momento em que o Ressuscitado envia os seus a pregar o Evangelho em todos os tempos e lugares, para que a fé n'Ele

se estenda a todos os cantos da terra (FRANCISCO, 2013, p. 19, grifos do autor).

A missão é sair de si, encontrar-se com os outros, estar aberto ao bom debate das ideias, a sinergia que transcende aquilo, que poderia nos afastar. As barreiras não poderão mais existir, é tempo de empoderamento de todos, em nome de um bem maior, é tempo de buscarmos as confluências para cuidar, para educar, para construir possibilidades que gerem e defendam a vida, com toda sua dignidade, singularidade e beleza. De acordo com a Associação Nacional de Educação Católica do Brasil (ANEC, 2019, p. 19):

IV – A ação pastoral pressupõe uma perspectiva missionária: a instituição por meio dos seus processos e procedimentos precisa estar em atitude de “ir ao encontro”, aproximar-se, sentir, conhecer, servir; potencializar, além das ações de extensão que as instituições já realizam, uma presença concreta e vivificadora na sociedade que promova a abertura da instituição educativa para receber e promover ações da comunidade (Linha Evangelizadora 1).

Compreendemos que a “IV Ação Pastoral”, indicada pela Associação Nacional de Educação Católica do Brasil (ANEC, 2019), reforça muito bem essa prerrogativa inerente às escolas católicas. A perspectiva missionária, deverá conduzir sempre nossos processos educativos, na direção do encontro, do cuidado, do conhecimento e do serviço. É a força de uma presença concreta, capaz de promover a abertura de nossas instituições, tendo em vista o acolhimento das demandas, e das ações da comunidade. Assim, ocorre aqui uma sinergia, em que a escola e a comunidade apoiam-se e ajudam-se mutuamente.

Nesse sentido, deixemos claro para todos os que decidiram fazer uma escola em pastoral, que nossa missão é cada vez mais desafiadora, porém sedutora e envolvente. Fiquemos cientes que nada existe de tão significativo, para uma aprendizagem autônoma, quanto à vida e os valores, nos quais acreditamos.

Desse modo, é justamente assim, que construímos a fortaleza de escolas, que se reinventam, ao longo do tempo, para revelar um Deus, que não desiste de salvar almas, a partir de um modo especial de fazer educação. De acordo com Anjos:

A missão de todo cristão para contribuir na realização da justiça solidária e a paz, Reino de Deus no mundo, encontra no ambiente escolar um privilegiado espaço de exercício desta missão evangelizada. O espírito pastoral (adjetivo) inspira as pessoas cristãs no ambiente escolar a assumir práticas e comportamentos de relações responsáveis pelo bem das pessoas e do seu ambiente. Para além de uma ética simplesmente civil, isto supõe a espiritualidade do Bom Pastor que ilumina e guia as práticas profissionais de professores, funcionários e mesmo dos alunos cristãos que de um modo ou de outro comungam desta espiritualidade. Pode-se entender que desta forma aconteça uma evangelização na escola (ANJOS, 2015, p. 39-40, grifo do autor).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordamos no artigo a necessidade de a escola católica ficar vinculada a ação pastoral, fazendo com que haja um processo de evangelização, mediado pela palavra de Deus, focalizado para a formação do ser humano, e integrado aos valores de Cristo.

Portanto, desejamos que as nossas escolas católicas e seus diversos colaboradores, encontrem inspiração, sabedoria, e coragem para se manterem

fieis, aos apelos do Evangelho, permanecendo proféticas, em meio a missão de educar para além dos conteúdos, e da funcionalidade meramente empresarial. Desse modo, fiquemos com a garantia que toda missão, é e sempre será acompanhada das graças necessárias. Assim, acolhamos o auxílio do Espírito Santo com toda Sua criatividade, a providência de um Deus que é Pai, o amor do Cristo crucificado e ressuscitado e, as copiosas intercessões daquela que encontrou graça diante de Deus, Maria!

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO CATÓLICA DO PARANÁ. Plano Trienal 2005-2007. Disponível em: http://diocese-pontagrossa.org.br/assoc_edu_catolica.php Acesso em: 03 out. 2019.

BOEING, A. (Org.). Escola Salesiana em Pastoral: Excelência Acadêmica e Evangelizadora. In: ANJOS, M. F. **A pastoral – como evangelizar no escolar.** Coleção Trilhas do Saber – Pastoral. 1ed. São Paulo: Editora Edebê Brasil, 2015. Disponível em: <http://edbbrasil.org.br/gratuitos/trilhas-do-saber-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

_____.Escola Salesiana em Pastoral: Excelência Acadêmica e Evangelizadora. In: ANJOS, M. F. **Perspectivas Teológico-eclesiais da Pastoral escolar.** Coleção Trilhas do Saber – Pastoral. 1ed. São Paulo: Editora Edebê Brasil, 2015. Disponível em: <http://edbbrasil.org.br/gratuitos/trilhas-do-saber-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

CHESINI, C; GILZ, C. (orgs). Associação Nacional de Educação Católica do Brasil. In: **Ação pastoral da educação católica (ANECA).** Brasília: Associação Nacional de Educação Católica do Brasil, 2019.

FRANCISCO. Exortação Apostólica **Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho.** 1ed. 2013. 8^areimpressão. São Paulo: Paulinas, 2015.

VATICANO. Carta da Congregação para a Educação Católica-1996. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19961015_catholic-school-re_po.html Acesso em: 05 out. 2019.



ESCOLA VIOLENTA? DIÁLOGO, AFETIVIDADE, LEITURA E ESCRITA PARA A CULTURA DA PAZ

Claudia Alba Natali Malagri¹
Edilaine Vieira Lopes²

RESUMO

O artigo aborda um projeto desenvolvido no Colégio Santa Catarina (CSC), de Novo Hamburgo (RS), sobre as formas de minimizar a violência dentro e fora do ambiente escolar. Motivados pelas discussões iniciadas a partir dos temas das Campanhas da Fraternidade 2018 e 2019, parte-se do princípio educacional do CSC, presente na proposta iniciada em 1571, pela Bem-Aventurada Regina Protmann, especialmente, de educar crianças e jovens, ensinando-os a ler, escrever e calcular, formando cristãos para interagirem na comunidade eclesial e social. Esse Princípio, contido no Projeto Político Pedagógico Pastoral e os vários fatores internos e externos que geram violência, desencadearam uma série de debates promovidos pela comunidade escolar, bem como sistematizaram algumas ações, escrevendo um Projeto. Algumas atividades melhoraram a convivência e outras, no decorrer do processo, levaram à descoberta de que a leitura de livros, momentos de jogos e de conversa ajudam a perceber que é possível diminuir a violência, com pequenas decisões e atitudes ou com pequenos gestos, como: ler, escrever, jogar e conversar. Assim, percebeu-se a reaproximação entre colegas e familiares por meio de atividades simples, que fortaleceram a humanização da escola, a promoção da paz e a explicitação do Evangelho de Jesus Cristo.

Palavras-chaves: Paz - Violência - Cultura da Paz - Gentileza.

ABSTRACT

This article approaches one project developed in Santa Catarina School (CSC), in NH/RS, on the ways of reducing violence in and out of the school environment. Motivated by the discussions initiated during the Fraternity Campaign themes in 2018 and 2019. It is assumed from the CSC educational principle, committed to the proposal initiated in 1571, by the blessed Regina Protmann, of educating children and youth, teaching them to read, write and calculate, preparing christians to Interact in the ecclesial and social community as well. The basis was the Pedagogic, political and pastoral Project, from a series of debates promoted by the school community in order to reduce violence in schools and within the families. Some actions enhanced the interaction between the peers, and the restlessness throughout the process led to the discovery that the reading of book-games, as well as the moments of discussion helped to notice that it is possible to reduce violence, with small decisions and attitudes, as well as with small acts, such as: reading, writing, playing, talking. Thus, it was perceived the rapprochement between colleagues and family members through the school humanization, which started to give more opportunities for peace, with simple, but truthful actions, following the example of Master Jesus Christ.

Keywords: Peace - Violence - Culture of peace - Kindness.

¹Supervisora Pedagógica no Colégio Santa Catarina/ Novo Hamburgo (RS). Contato: cmalagri@hotmail.com/ Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7770319444961633>/ Pós-Graduada em Gestão Escolar pela Universidade Barão e Mauá.

²Professora no Colégio Santa Catarina/ Novo Hamburgo (RS). Contato: edilaine.nh@gmail.com Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7385721779493141>/ Pós-Doutoranda em Indústria Criativa na Universidade Feevale.

Introdução

No contexto do Colégio várias situações, internas e externas de violência, desfiam a comunidade escolar, especialmente os educadores do 5º ano, a se debruçarem sobre estes fatos, aguçando os olhos e os ouvidos para perceber, “entender” e quem sabe, realizar ações de interferência com o objetivo de promover a paz.

Parte-se da concepção da palavra violência, derivada do latim violentia, que significa força ou vigor contra qualquer coisa ou ente. De forma simplista, entende-se que a violência é o uso da força através de palavras ou ações que machucam as pessoas. Motivada por várias manifestações que não constroem a paz, percebidas em sala de aula, a professora de Língua Portuguesa do Colégio Santa Catarina (CSC), uma escola comunitária, em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, pensou em interferir de forma construtiva em algumas insatisfações percebidas na escola, geradoras de atos violentos, pois:

o ser humano é dotado de desejos, vontades e sentimentos próprios que começam a se desenvolver desde o nascimento. Ao longo da infância, ocorre o processo de desenvolvimento sócio afetivo da criança, períodos que são importantes as interações que proporcionam vivências afetivas (SILVA; SCHNEIDER, 2007).

A partir dessas percepções, os alunos do quinto ano estudaram as formas de minimizar o barulho na sala de aula e nos corredores da escola, já que isso os deixava desconcentrados, gerando irritabilidade, impaciência e, consequentemente, agressividade. Por meio de muitas conversas e debates, percebeu-se a oportunidade de aguçar a

curiosidade da turma, para que pudessem estudar formas de minimizar os problemas de violência na escola e quiçá na sociedade. Todos ficaram chocados com o ataque ocorrido em uma escola de Suzano, São Paulo, no início de 2019, idealizado por um jovem, ex-aluno daquela escola.

Com as pesquisas e, posteriormente, com a criação de um projeto de leitura baseado em RPG, a curiosidade dos alunos ficou cada vez mais aguçada. O intenso processo de autoreconhecimento pelo qual a turma passou fez com que percebessem que a hipótese inicial (“É possível diminuir a violência nas nossas vidas, realizando campanhas na escola, nas famílias e na comunidade escolar”) precisava ser alterada (“Podemos adotar no dia a dia pequenas ações para melhorar a convivência da turma 53, como ser gentil, usando as palavras mágicas por favor, obrigado, com licença, me perdoe, desculpe e elogios”), uma vez que para Wallon:

duas funções básicas constituem a personalidade: afetividade e inteligência. A afetividade está relacionada às sensibilidades internas e se orienta em direção ao mundo social e para a construção da pessoa; a inteligência, por sua vez, vincula-se às sensibilidades externas e está voltada para o mundo físico, para a construção do objeto. (1979)

Aliando a afetividade à cultura da paz, o objetivo geral era estudar as escolas de antigamente, com base nas entrevistas aos professores de História e familiares, com relação à violência escolar, comparando as épocas. O foco do projeto necessitou de ajustes, pois a paz depende de cada um. Com um sorriso, olhar afetuoso, simples gesto de

gentileza, ao respirar fundo, evitamos agir com violência ou, pior, devolver a violência após um ato violento.

Os alunos orgulharam-se por participar, desde o início, das conversas a respeito de um possível projeto que orientaria os professores a trabalharem a leitura em sala de aula, mas de um jeito diferente, com jogos. Essa temática também está presente no Projeto Político Pedagógico Pastoral (PPPP) da instituição e da mantenedora, a Associação e Congregação das Irmãs de Santa Catarina (a ACSC), pois baseiam-se na vida de Santa Catarina, padroeira, e de Madre Regina Protmam, fundadora da Congregação, que, com o seu Carisma (termo usado para determinar sua vida e obra, a partir de sua frase “Como Deus Quer...”, referência a vida e missão da Congregação.

>Do diálogo à pesquisa

O CSC sempre incentivou os professores e alunos a envolverem toda a comunidade escolar na resolução de problemas. Por meio do projeto Mostra Multidisciplinar, todos são instigados a resolver os problemas locais, afinal, não é possível consertar o mundo sem começar a mudança por nós mesmos, pois:

todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: no nível social, e, depois, no nível individual; entre pessoas e, depois, no interior da criança. Essa alteridade obriga os seres humanos a serem resilientes, pois com tal interação há o embate, tenso. (VIGOTSKI, 1998, p. 75)

Nessa assertiva, em 2019, o tema norteador para a Mostra Multidisciplinar foi Políticas Públicas e Fraternidade, por ser o tema da Campanha da Fraternidade do ano, e cada turma da instituição escolheu a sua subtemática. A Turma 53

optou por estudar as Estratégias para a Cultura da Paz em Tempos de Violência. Entre março e abril, um pré-projeto foi desenvolvido e nos meses seguintes os alunos escreveram as suas experiências em forma de projeto, fazendo as adaptações nos seus cadernos de campo. Depois, iniciaram as palestras sobre a importância de externar sentimentos e de estarem atentos à afetividade, além das saídas de campo, das entrevistas e da revisão bibliográfica. Ao aliar teoria e prática:

a afetividade desempenharia uma fonte energética, da qual dependeria o funcionamento da inteligência, mas não suas estruturas. Surgem as cargas de energia e de cultura, a influência da família no desenvolvimento da afetividade nesse sujeito, o respeito às diferenças e às divergências, o controle e a compreensão das emoções. (PIAGET, 2014, p. 43).

Ainda sobre o autocontrole das emoções, nas aulas de Informática a turma era dividida em grupos, pesquisava subitens, interagia, discutia e, após muito trabalho, apresentava sites e conclusões por meio de apresentações de slides ou anotações. Com frequência, visitavam a Biblioteca para buscar mais sugestões de livros, jornais e revistas para a ampliação da bibliografia. Que este artigo possa ajudar a compreender parte dos motivos que levaram os alunos do Colégio Santa Catariana a estudarem sobre a violência, conforme mencionado e abordado anteriormente no resumo.

>Leitura e escrita

Engajados na ideia de promover a leitura e a escrita em comunhão com o incentivo à cultura da paz, a turma 53, composta por 15 alunos, produziu coletivamente suas percepções acerca da violência, na tentativa de

de melhorarem coletivamente, como uma equipe. Assim, iniciaram o ano letivo atentos aos problemas dos outros, observando o mundo fora da sala de aula. Com a intenção de atingir os objetivos, a justificativa foi a importância de superar as desavenças. Para desenvolver a metodologia, levou-se em conta que: “estamos em tempos líquidos, com medo, e a vida líquida nesta sociedade líquida significa uma sucessão de reinícios; acredita-se que nem todas as forças são usadas quando se quer permanecer no mesmo lugar”. (BAUMAN, 2007, pág.8).

Como protagonistas da aprendizagem a favor da paz, os alunos anotavam tudo o que faziam em um caderno de campo. Quase sempre voltavam à questão básica: como ajudar a escola e as turmas? Que tal primeiro resolver os próprios problemas? Como resposta, estudaram todas as formas de violência e, depois, tentavam administrar em rodas de conversas os problemas internos, para solucioná-los com o perdão e com os conceitos de: humanização, cultura da paz, gentileza, resiliência, empatia, misericórdia, ética, alteridade, dialogismo e corrupção.

Com a análise, notou-se que a paz é difícil de ser alcançada e pouco visada, inclusive pela mídia, pois a violência parece ser mais atrativa. Diante dessas percepções, a estratégia do grupo foi alterada e saiu do âmbito “diálogo interno” para a escuta, desenvolvendo conceitos a partir das percepções familiares, dos pais, avós, professores ou de outras turmas. Paralelamente, a classe decidiu unir-se através das aventuras despertas pela leitura e pelos jogos interativos. Inspirados nas histórias que as famílias contavam e nos conteúdos de diversas disciplinas, trabalhados em sala de aula. Os discentes questionaram se a paz era uma invenção. Dessa forma, Kastrup

afirma que:

a cognição, como inteligência artificial, advém da Psicologia, Filosofia e Neurociência, da cognição considerada quando se cria algum problema, decidindo atribuir uma nova direção, novas formas de pensar e fazer. Na atualidade, a invenção tem lugar. Fazer história da atualidade não é fazer apenas sobre o que se passou, mas sobre o que está se passando, de um movimento. Partir de um devir, de uma experimentação difícil de avaliar em suas consequências para a história. Invenire, do latim, significa encontrar relíquias ou restos arqueológicos. (1999, p. 27)

Invenção ou não, a paz é necessária. Através dessa nova atitude, com esse projeto, a turma conseguiu chamar a atenção, usando o diálogo, a leitura e a escrita como estratégias para a cultura da não-violência. Ao mudar de foco, envolveram outras turmas da instituição, professores e familiares nas atividades programadas e nas palestras. As pessoas estavam curiosas para saberem sobre o tipo de leitura e sobre o que os alunos escreviam no pátio, nos recreios. Afinal, qual seria o motivo da empolgação para as aulas ou para as visitas à Biblioteca e ao Laboratório de Informática?

> Gestão em números

A escola conta com cerca de 1.200 alunos, dos quais vários foram atingidos, de forma indireta. De forma direta, pode-se quantificar como envolvidas pelo menos quatro turmas no turno da tarde e duas turmas no turno da manhã, além de seus professores (que lecionam para outras turmas e sentiram interesse em aprender a jogar RPG). Sem mencionar os familiares e a comunidade escolar. Percebeu-se que os caminhos nem sempre são fáceis e a convivência

também pode ser considerada uma arte. É preciso criar e inventar estratégias, mesmo que:

o resultado seja necessariamente imprevisível. A invenção implica o tempo. Ela não se faz contra a memória, mas com a memória, como indica a raiz comum à “invenção” e “inventário”. A ideia aqui é dar vida às falas, sem narrador, apresentando e costurando relatos de vida que se cruzam, como se fossem aparentes contos habilmente interligados; como se pudessem igualmente ser lidos de modo isolado, no entanto, a montagem trama da oferece quadros da realidade sentidos pela compreensão e pela vivência das tensões, do dialogismo, do imaginário. (KASTRUP, 1999, p. 28)

Nessa perspectiva, o projeto iniciou-se em fevereiro de 2019 e ainda está em andamento. A previsão para o seu término é dezembro de 2019, no final do ano letivo. Poucos recursos foram necessários para o seu desenvolvimento, apenas houve a aquisição de um caderno de campo para todas as anotações e livros de uso pessoal, que posteriormente foram sugeridos para aquisição da Biblioteca.

As estratégias, ações e metodologia de inserção dos livros jogos/ livros interativos (RPG) para a aplicação e execução do projeto foram diversas. Tudo se iniciou com a determinação dos objetivos e com a justificativa, para depois seguir com a metodologia. Todas as ações foram anotadas em um caderno de campo, com registros dos passos futuros e com a contribuição individual. Isso remete à afetividade, que em relação direta com a paz, com a não violência, depende de cada um de nós. “Sem bater fisicamente no educando, o professor pode golpear-lo, impor-lhe desgostos e prejudicá-lo no processo de sua aprendizagem” (FREIRE, 1996, p.138)

Após a eleição de dois alunos, responsáveis pelo material, a turma foi dividida em grupos que partiram à pesquisa, principalmente no Laboratório de Informática, ambiente destinado também ao desenvolvimento de parte do referencial teórico, com a ajuda de slides e com a elaborações de roteiros das pesquisas desejadas. Na tentativa de explicar os motivos que levam à violência, a Biblioteca foi o local eleito para os ensaios, intercalando momentos com os jogos, além de proporcionar a pesquisa a muitos materiais como revistas, jornais e livros.

Os alunos receberam indicações dos bibliotecários e perceberam que não haviam muitos livros a respeito da violência em si, porém vários sobre a adultização, o bullying e a importância de não cometer o cyberbullying. Foram elaborados roteiros de perguntas para entrevisitas às autoridades, dentro e fora do ambiente escolar. Assim, a turma tentaria entender os índices de violência e efetivar pesquisas, como sobre os perigos da Deep Web; os benefícios do acesso à Internet; os desafios e jogos como Baleia Azul ou Baleia Rosa; os cuidados ou benefícios do acesso ao Youtube ou aos conteúdos violentos; os conceitos de bullying e cyberbullying; o ranking das universidades ou escolas mais “seguras” ou “violentas” do Brasil; os tipos de educação e de estratégias pedagógicas no Brasil. Conforme Tiba:

tem-se discutido muito a “adultização” das crianças. Mas o uso do termo está equivocado. “Adultização” é assumir na infância responsabilidades de adulto. As crianças apenas imitam alguns comportamentos dos adultos, querem, por exemplo, namorar aos seis anos. (...), mas a culpa não é só da mídia. Os pais incentivam e as escolas também. Cobramos das crianças comportamentos e o domínio das emoções que elas não têm e precisamos ajudá-las a desenvolver

essa afetividade. Em vez de discutir a adultização, precisamos dialogar. O segredo é sempre o diálogo. (2002, p.233).

Em uma das pesquisas, descobriu-se que o Brasil é o primeiro no ranking de violência contra os professores. A orientadora da turma percebeu que poderia ajudá-los, indicando um item simples que faz parte do seu cotidiano como professora de Língua Portuguesa e de Tecnologias: a leitura. Nesse momento, os alunos evoluíram no estudo da palavra “violência” e iniciaram as buscas pelas informações da palavra “paz”.

Essa busca passou a acontecer em diversas disciplinas que se envolveram com tenacidade no projeto. Descobriu-se que a violência é um problema que acompanha a humanidade desde o início dos tempos, inclusive com indícios bíblicos de a.C. Através de diversas fontes estudadas nas aulas de Ensino Religioso, concluiu-se que é inevitável a comparação entre as épocas. Com as entrevistas familiares, muitas histórias interessantes foram descobertas. Percebeu-se que as práticas passadas não davam espaço para as diferenças, justamente o oposto do desejo da turma. Eles queriam perceber as diferenças e conviver com elas e, assim, jogar RPG. Qualquer um pode ler livros-jogos e produzir histórias que visem à experiência coletiva, mediante a tomada de decisões, por meio da interação, da alteridade. A prática dialógica proporciona crescimento cultural, estimula a resolução de problemas, a criatividade, a liderança e o trabalho em equipe, provando que ler e escrever pode ser, sim, uma aventura.

> Metodologia

A metodologia aplicada foi a pesquisa, o debate, a leitura, a conversa com

outras gerações e a escrita. A turma desenvolveu seus próprios jogos de RPG; a leitura e a escrita passaram a ser as protagonistas do projeto. Uniram-se, perceberam que ainda precisavam percorrer vários caminhos e melhorar a postura. Ao longo das pesquisas, os discentes descobriram algumas lacunas, pois entenderam que o processo da leitura em ambientes formais na Educação Básica permite uma construção cultural que representa e produz sentidos. Com base em muitas reflexões, perceberam que precisavam mudar alguns hábitos, ações simples do dia a dia, pois a estrutura da identidade do sujeito tem base nos padrões socio-históricos. Por esse motivo, oportunizaram-se momentos com a Pastoral Escolar, inserida no PPPP da instituição (Projeto Político Pedagógico em Pastoral, baseado nos documentos cristãos), já que:

ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASÍLIA/ BNCC, 2019, pg.68).

Portanto, nos momentos de formação, os alunos experimentaram o canto, a música, a descontração, a oração e a partilha, estreitando a relação discursiva com o próximo e caracterizando a enunciação. Por sustentar a prática social inter-humana, comum ao exercício da linguagem, a temática incitou ações práticas que trouxessem melhorias efetivas, como o fortalecimento das relações de amizade e de respeito na turma; o aumento da concentração; a ampliação do foco/ato de ler, compreender, interpretar e resolver problemas;

a evolução da produção escrita (em quantidade e, principalmente, em qualidade); e, consequentemente, o desenvolvimento do gosto pela leitura, como hábito, para melhoria na qualidade de vida.

Após tantas reflexões, crescimentos e superações, a turma produziu um cartaz de combinações para ficar exposto na sua “Casa Comum”, a sala de aula. Com base na Bíblia e no mestre Jesus Cristo, comprometeram-se a melhorar, juntos, sentindo e vivenciando o ensinamento de Jesus, amar ao próximo como a si mesmo. Perceberam que as combinações da turma também estavam de acordo com as metas para a educação divulgadas amplamente pela ONU (Organização das Nações Unidas) e pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Ciência, Educação e Cultura). Assim:

o ser humano se constrói a partir de um conjunto de relações tecidas em determinado contexto histórico-social, em um movimento ininterrupto de apropriação e produção cultural. Nesse processo, o sujeito se constitui enquanto ser de imanência (dimensão concreta, biológica) e de transcendência (dimensão subjetiva, simbólica). (BRASÍLIA/BNCC, 2019, pg.468).

Falar em Cristo é falar em respeito, amor, entrega e partilha. Durante os momentos de pesquisa, as turmas dos quintos anos foram incentivadas na realização de um Brechó Solidário com a organização de uma campanha de arrecadação e caixas coletoras. Recolheram roupas para o brechó do agasalho, a fim de ajudar no projeto missionário das Irmãs da ACSC (Associação das Irmãs de Santa Catarina), no Haiti. Posteriormente, receberam a visita de uma Irmã Missionária, que fez um bate-papo, contando sobre como é viver em missão e se doar pelo povo do Haiti.

Essa foi mais uma história que contribuiu para os registros da turma. A religiosa contou sobre a triste realidade de pobreza, já que no Haiti não existem escolas públicas (gratuitas), nem acesso à saúde por parte do governo. Explicou que as famílias são muito violentas e que os professores, assim como em outros países, são autorizados a bater nos estudantes, se necessário. Experiências que fizeram a turma pensar nos antepassados/ imigrantes e perceber que, muitas vezes, o sistema educacional autorizava as escolas a serem violentas. Conforme Chesini/ ANEC:

reconhecemos e nos identificamos com a centralidade da pessoa de Jesus na vida pessoal e na ação pastoral das instituições católicas. É Jesus representado e descrito como o Bom Pastor presente nas passagens bíblicas, nas imagens encontradas junto às primeiras comunidades cristãs, especialmente em Roma, na Tradição da Igreja, que perpassa os tempos e chega até nós como fonte de Fé, de Esperança e de Caridade. É Ele quem nos ama, chama e envia em missão! Jesus, o Bom Pastor, é nossa inspiração para a Igreja em Saída, nas comunidades educativas em pastoral. (2019, pág. 5)

A essa altura, a turma mostrou-se sensibilizada com os problemas do mundo, com o próximo e com o outro. Infelizmente, não podem resolver o problema da violência no país, no estado, na região, na cidade, no bairro, na rua, na escola ou nas famílias. Para fazer isso na sala, realizaram campanhas e cartazes, alertando sobre a importância de valorizar a vida e evitar alguns sites (como o acesso à Deep Web, aos “jogos” como o Baleia Azul e vídeos da Momo). Orientados pela professora, perceberam que Deus dá uma missão para cada um, no mínimo um dom, e que pequenas mudanças em atitudes poderiam fazer toda

a diferença e mudar o mundo, pois quando pretende-se melhorar algo, é necessário, primeiro, que a transformação ocorra em nós mesmos para que possamos conseguir a evolução que desejamos.

A turma 53 optou por valorizar o que é bom, o que dá certo e determinou as suas metas: “nos colocaremos no lugar do outro e agiremos como cristãos”; e “pense: afinal, no meu lugar, o que Jesus faria?” Envolvida com os rumos do projeto, a Auxiliar de Biblioteca indicou uma palestra sobre RPG e, durante o bate-papo, a professora de Língua Portuguesa afirmou que muitos alunos seus não gostavam de Português, completando que alguns, inclusive, odiavam ler e escrever. O palestrante ensinou que a sigla “Role-Playing Games” significa Livros Interativos e que poderiam ler juntos, como se fossem Jogos, motivando a união, a troca de ideias e a partilha de modo cooperativo e não competitivo, sentindo neles a mesma emoção de viver aventuras como nos jogos, seduzindo, inclusive, alunos que não se dizem leitores. De certa forma, todos se sentiram desafiados a tentar ler e escrever histórias em que poderiam ser heróis e heroínas, autores e protagonistas das suas narrativas.

➤ O processo: o antes e o depois

As turmas dos 5º e 6º anos, também envolvidas no projeto, ficaram eufóricas e rapidamente procuraram a Biblioteca para retirar os livros de RPG. Quase todos os exemplares se esgotaram com a tarefa de conversar com as famílias, pais, amigos, avós... e trouxeram anotações e impressões. Descobriram que vários pais eram da época do desenho Caverna do Dragão e nem imaginavam que isso originou universos como o da Marvel e da DC, baseados

em J. R. R. Tolkien (Senhor dos Anéis), ouvindo o Rumor da Língua. Para Barthes:

a língua pode rumorejar, como palavra, pois permanece condenada ao balbucio. Já em forma de escrita, ao silêncio e à distinção dos signos; mas, ele insiste, fica ainda para que a linguagem realize um gozo que seria próprio da matéria. Mas o que é impossível não é inconcebível: o rumor da língua forma uma utopia de um mundo melhor. (2004, p.93)

Professores como os de Matemática, História e Geografia, contaram sobre as possibilidades de escrita, envolvendo os conteúdos como Pré-História e Universo, em um diálogo entre o passado e o futuro. Sem falar, obviamente, do quanto é preciso estar atento e usar os conhecimentos de lógica, o raciocínio matemático, assim como a atenção para dar sequência ao texto e fazê-lo ter sentido. Eis a força do gênero RPG como meio de revolução, de instrumento social, já que simboliza ao vivo a coragem dos que fazem uso do jogo no computador ou da tecnologia presente no videogame. Essa interação que aparentemente consta na escrita líquida das redes sociais. Uma situação era falar, mostrar, indicar; outra era chegar, mostrar, vivenciar, experenciar.

Os recreios antes eram tumultuados, com brigas, discussões, jogos competitivos e exclusões. Depois do projeto, a turma começou a estudar sobre os jogos cooperativos, iniciaram as leituras de livros-jogos durante os recreios ou no tempo livre, voluntariamente. Começaram a conversar abertamente sobre os “inimigos” na turma e sobre os problemas antigos. Novas reflexões surgiram no campo de autoavaliações e, sempre que possível, retornavam à jornada de formação (evento de reflexão e parada, retiro com a Pastoral Escolar) e para a

lista de “regras/ combinações”, em atenção às normas de convivência. Conforme Barthes:

as palavras têm relação com a identidade das coisas. Fala-se do funcionamento, do encaixe, do barulho, dos ruídos da língua, da sintonia que há entre a linguagem e a vida, daí a explicação da escritura estar ligada à vida. Rumorejar seria fazer ouvir a própria evaporação do barulho: o tênue, o camuflado, o fremeante são recebidos como sinais de uma anulação sonora. (2004, p.94)

Além de recreios menos tumultuados, percebeu-se a mudança nos relacionamentos e aulas mais produtivas. Nos textos de autoavaliação (alguns colados no caderno de campo), vários jovens relataram seus problemas em controlar emoções e frustrações, refletindo sobre a necessidade da aprendizagem e do desenvolvimento da inteligência emocional. A professora orientadora aproveitou a oportunidade e apresentou à turma a BNCC (Base Curricular Comum Nacional), esclarecendo que um dos desafios da educação para diminuir a violência é trabalhar as competências sócio afetivas.

Os alunos passaram a materializar suas histórias em slides, usando recursos como celulares, smartphones, tablets, computadores, notebooks e até aplicativos como dicionários, tradutores e o VOLP, fazendo uso de links e de hiperlinks e aprendendo sobre tecnologia, ao usar ferramentas de Informática como Microsoft Word e Power Point (descobrindo dicas com os professores de Informática e com alunos estudiosos das TIC na Educação). As aulas foram planejadas e aplicadas por meio de produção textual individual, coletiva; reescrita textual; expressão oral e debate; troca de ideias e aprovação em grupos; hora do conto; elaboração de histórias

em outros espaços da escola; temas de casa, com pesquisas entre as famílias para conhecer a história e a origem dos livros-jogos; exploração de componentes necessários e elementos da narrativa, como personagens, local, tempo, além de leitura, compreensão e interpretação textual; entre outros. Assim, foi possível semanalmente aprofundar os conhecimentos e testá-los em aula, no recreio e em casa.

Fazendo uma analogia à leitura das obras de Roland Barthes (1915- 1980), sobretudo as três principais: O rumor da língua, 2004; O prazer do texto, 2002; O grau zero da escrita, 2004; entende-se que a escrita é um processo formal ensinado nas escolas e valorizado na sociedade grafocêntrica em que vivemos, na qual a norma dita “culto” e gramatical é prestigiada. Saber fazer uso adequado da língua é essencial para denominar os sentimentos e para o devir criativo. Esse “fazer” é uma “vivência”, uma forma de cognição e invenção. Ainda conforme Kastrup:

o devir não se reduz a uma poeira de instantes sucessivos. O devir não é devir de algo permanente do tempo. Em resumo, a invenção é marcada por três traços: em primeiro lugar, é pautada na percepção de relações e implica em sua reestruturação; em segundo lugar, ela equivale à produção de uma ação nova; em terceiro lugar, é sinônimo de inteligência. A aprendizagem consiste apenas, nesse contexto, na passagem de uma recognição a outra. Em ambos os casos, trata-se de estabelecer as condições de uma aprendizagem inteligente, por meio da qual se pode chegar a novas soluções através da ação espontânea das leis da forma. (2007, p. 95)

Ações espontâneas implicam em soluções. Assim, os alunos passaram a identificar as lixeiras da sala também (pois além da poluição física e da psicológica, tem outras formas de violência, como:

como: poluições sonoras, visual, ambiental, dentre outras). Outro problema identificado diz respeito ao lixo, mas não só ao que foi produzido, também o do chão ou mal descartado. Além disso haviam muitas confusões após as aulas de Educação Física, que acabavam sendo resolvidas na sala de aula; alguns relatavam machismo; outros, feminismo. Por fim, descobriu-se que o problema todo estava na questão de escolherem os “melhores” ou “piores”. Acharam-se no direito de organizar os tipos de acordo com a classificação de habilidades. Meninas só na defesa? Nada disso. Foram ao ataque também, pois chega de excluir os outros.

No universo da leitura e da escrita coletiva, nos livros-jogos e nas aventuras de RPG, não há exclusão. Todos são iguais. Há classes de humanos, elfos, centauros, seres mitológicos, magos, anões. São castas e cada uma com suas virtudes e defeitos, mas com características bem diferentes. Já os humanos são apenas humanos. Iguais por serem diferentes. Ninguém é melhor ou pior, todos são bons para alguma coisa e com infinitas possibilidades: falhos, incompletos, imperfeitos. Somos humanos e erramos, tentando acertar. Erramos para acertar! Percebeu-se que “é preciso saber viver” e que o “amor é palavra que liberta, já dizia o profeta” (conforme algumas das músicas utilizadas em aula). Uma Escola em Pastoral ensina a ser resiliente, a ter empatia. Tudo que move algo em frente sempre é o outro, mesmo que esse diálogo não seja tão pacífico. Para FREIRE:

aprender a ler e a escrever não é objeto apenas de interesse da Pedagogia, mas de outros ramos do conhecimento: Psicologia, Linguística, Sociologia, etc. Muito mais do que isso, a maneira como alguém aprende a ler e a escrever determina, a priori, que tipo de homem e

cidadão construímos no mundo, sendo assim, vemos plasmado nas pedagogias de escrita e leitura o discurso político de uma dada sociedade. Essa última colocação nos remete inevitavelmente ao que podemos chamar de Dialogismo. (1987, p. 54)

Até desenhos foram desenvolvidos coletivamente e retomados com reflexões; os alunos concluíram que Deus ama todos os seres e nos fez maravilhosos, estavam lendo mais (e não somente RPG), assim como outras turmas, estavam influenciando outros alunos a saírem da zona de conforto e se perceberam viciados em violência. É difícil manter-se no caminho da paz, mas não é impossível, dependendo única e exclusivamente de escolhas individuais.

A cada dia, os alunos são envolvidos por novas e maravilhosas aventuras, como uma sessão de autógrafos exclusiva para a turma, com a presença de um autor de livros-jogos que é cristão, Athos Beuren. Ele publicou o seu primeiro livro aos 10 anos (a mesma faixa etária dos alunos envolvidos no projeto), que nasceu em sala de aula para provar que qualquer idade pode ser palco de muitas realizações. E não parou mais de publicar (leia as sugestões de obras na bibliografia). Com o projeto, os alunos conectaram a possibilidade de produzir discursos à interface coletiva, a exemplo das obras interativas que têm como base o RPG, um jogo colaborativo para não só contar, mas viver as histórias com os amigos. Na vida, muitas vezes é preciso fazer o seu ato responsável sozinho. Nas palavras do Papa Francisco:

o desafio urgente é proteger o nosso planeta, a nossa casa comum, isso inclui a preocupação de unir todas as pessoas na procura de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. A humanidade ainda possui a capacidade de colaborar

na construção da nossa casa comum. A juventude exige de nós uma mudança. Eles se perguntam como é possível construir um futuro melhor sem pensar na crise do meio ambiente e no sofrimento dos excluídos". (Laudato Si 13)

Esses ensaios sociais feitos na escola legitimam a Filosofia do Ato Responsável (Bakhtin, 1975) e remetem à alteridade, mas antes de pensar neste "outro", é preciso contextualizar a criança. De acordo com a arquitetônica bakhtiniana (considerando o conjunto de obras deixado pelo filósofo russo da linguagem, Mikhail Bakhtin, e seu círculo, 2007), sujeito e sentido são constituídos no processo de enunciação, tendo como fundamento o movimento dialógico em direção ao outro. Assim, Athos sugeriu à professora usar o RPG (Role Playing Game, ou jogo de interpretação de personagens) para realizar com os alunos as dinâmicas nas quais, com o auxílio dos professores, explorassem e revisassem conteúdos curriculares em uma aventura interativa.

Essa sugestão de dinâmica foi adaptada para sala de aula, inicialmente na disciplina de Português. A atividade tinha como objetivo revisar, de forma divertida, especificamente a utilização do "N" e do "M", pois boa parte da turma estava se confundindo quanto à sua utilização ortográfica. Para completar a aventura, os alunos precisavam exercitar o que estavam aprendendo. No entanto, tendo o fator lúdico como catalisador para despertar o interesse da turma, ensinar se tornou mais fácil e eficaz; aprender foi mais divertido e instigante.

Informações adquiridas são mais facilmente lembradas e melhor aprendidas quando estão ligadas a uma emoção. Decifrar enigmas, solucionar labirintos e calcular as chances de sucesso em suas ações ou durante o combate contra ad-

versários imaginários são algumas das mecânicas que fazem dessa proposta um verdadeiro sinônimo de "aprender brincando". Essas atividades acabaram envolvendo os professores de Geografia, História e Ciências. As turmas dos 6ºanos estão escrevendo seus textos com base nos conteúdos da Pré-História e do Universo, envolvendo planetas e aventuras, misturando os heróis do tempo dos avós, com direito a lançamento de foguetes com sucatas e tudo mais, graças à mudança de foco e de olhar, para:

desenvolver a educação na fé de maneira integral e transversal em todo o currículo evangelizador, que é (segundo o Documento de Aparecida 12) aquele que humaniza e personaliza o ser humano quando consegue que este desenvolva plenamente seu pensamento e sua liberdade. Mantendo a sua identidade, a instituição de ensino católica abre-se ao diálogo intercultural, comprometida com os "valores éticos e a dimensão de serviço às pessoas e à sociedade. (CNBB, 2007, n.341)

Nas rodas de conversa os alunos refletiram, choraram, riram, falaram alto, gritaram, se revelaram e aprenderam que é possível errar e nunca é tarde demais para mudanças, perceberam que não se trata de "usar a literatura a favor dos conteúdos ou para obter algo em troca". O RPG, os livros e as histórias interativas partem da premissa de envolver enigmas e ganhar pontos ou objetos e elementos mágicos. Por que não aproveitar e unir o útil ao agradável em vez de fazer o que a maioria faz? O senso comum manda aplicar provas individuais e, quando se fala em "coletivo", entende-se "disputas, campeonatos e gincanas", que geralmente não são inclusivas. O projeto levou o aprendizado de forma maravilhosa e divertida, explorando o universo da imaginação. Os alunos aprenderam a jogar,

ler, escrever e interagir sem tantas discussões ou brigas. Aprenderam a chorar, perder a cabeça e gritar; mas deram aulas de como respirar fundo, sorrir, admitir erros, pedir perdão e perdoar. Aprenderam a calar, a ouvir e a respeitar.

As atividades preferidas agora são pegar livros na Biblioteca ou comprar novos e trazer para a aula, convidando os colegas a lerem uma obra interativa pela qual o leitor assume o papel de protagonista da história e participe do enredo, fazendo escolhas que determinem a continuidade da trama a cada trecho, deixando-os escolher através de votação que caminhos seguir e que desafios enfrentar até o final da aventura, uma vez que:

a participação dos estudantes em atividades de leitura com demandas crescentes possibilita uma ampliação de repertório de experiências, práticas, gêneros e conhecimentos que podem ser acessados diante de novos textos, configurando-se como conhecimentos prévios em novas situações de leitura. (BRASÍLIA/ BNCC, 2019, pg.75).

Acredita-se que essa transformação do aluno, que é mero expectador da sua aprendizagem; para o educando que é autor, protagonista do seu saber; se dá por meio da educação mediada, incentivada por educadores fomentadores da leitura e da escritura. Tal relação perpassa, também, por meio do dialogismo, da coletividade e da tomada cooperativa de decisões, tão próprias dos livros-jogos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não foram somente os alunos que viveram uma grande aventura, todos os que interagiram com o projeto revelaram-se curiosos e atentos às tomadas de decisões sobre as suas escolhas, como um ensaio social, uma legítima Filosofia

do Ato Responsável (1975). Bakhtin remete à alteridade, mas antes de pensarmos neste “outro”, precisamos contextualizar a criança. Tem trabalho melhor do que incentivar a criatividade, acompanhar o crescimento pessoal, intelectual e interpessoal de jovens cidadãos? Escrever, ler e fomentar tais processos coletivos dá barulho, dá trabalho, dá bagunça, mas vale a pena. O projeto está auxiliando na preparação desses educandos para a leitura dos clássicos e proporcionando que (re) escrevam a sua história.

Agora, a professora é recebida ansiosamente na porta da sala e ouve com mais frequência pelos corredores alguns “eba, agora teremos o período de Português!” ou “vou lá na Biblioteca retirar outro livro...” ou “escrevi outra história, me ajuda a testá-la?” em vez de “não gosto de ler!” e “escrever é muito chato, porque só tu que vais ler, né profe?!”. Esse desafio diário e labor pedagógico que encantam e fascinam, permite-nos tentar encontrar respostas para as dúvidas na academia. É importante incentivar a criatividade e a imaginação, mesmo em meio à liquidez dos tempos e das relações, aproveitando a hibridização das culturas e a velocidade das informações, na tentativa de ajudar os jovens a sobreviverem à enxurrada diária de pós-verdades, tão próprias da contemporaneidade.

Estudar, ler, praticar, criar e pesquisar é aprender, porque a “Leitura Interativa” proporciona aventuras coletivas por meio da “Escrita Criativa”, com as histórias e livros-jogos. Os conteúdos são importantes, sim, e muito, assim como as competências e habilidades. No entanto, com este projeto aprendemos que não importa apenas o resultado final, o destino; o que vale, principalmente, é a viagem. E quando dividimos, compartilhamos, aprendemos juntos; o resto vem,

por consequência. O que isso tem a ver com a Educação e com a Escola em Pastoral? Sabemos que temos a bela missão de dar continuidade ao Carisma da Bem-Aventurada Regina Protmann, fundadora da nossa congregação (Irmãs de Santa Catarina).

Temos ciência de que a Associação Nacional das Escolas Católicas (ANECA), juntamente com a Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB) e os poderes público e privado, buscam ampliar e fortalecer as redes de pessoas e instituições que lutam pela cultura da paz. Assim, “Como Deus quer...”, temos tentado orientar os nossos alunos de que a mudança no mundo começa por nós, mas não se dá apenas por meio do conhecimento. Baseadas no PPPP (Projeto Político Pedagógico em Pastoral), documento que rege o nosso labor e orienta o nosso fazer docente, sabemos que é fundamental a união de esforços com as famílias e comunidade escolar para que conhecimento e fé andem, efetivamente, juntos.

Valores... Isso nos move! Ajudar o mundo e o próximo, seguindo os ensinamentos da Casa Comum, do Papa Francisco (com base no Mestre Jesus Cristo): essa é a nossa missão! Se não, nada disso teria sentido. É uma bênção poder mediar a aprendizagem por meio do lúdico, do brincar, das leituras, dos jogos, da escrita e das produções orais. Interagir coletivamente é muito melhor, pois estamos juntos, com o outro, como Irmãos, a exemplo do nosso mestre Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____. *A estética da criação verbal*. POA: Martins Fontes, 2007.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. *BARTHES, R. Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

_____. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

_____. *O rumor da língua*. POA: Martins Fontes, 2004.

_____. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

_____. *O Grau Zero da Escritura*. São Paulo: Cultrix, 2004.

_____. *O prazer do texto*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. *BAUMAN, Z. Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *BEUREN, A. A Missão de Krogh*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

_____. **Manto de Coragem.** Porto Alegre: Athos Beuren, 2019.

BÍBLIA SAGRADA. Antigo e Novo Testamento. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008.

BRASÍLIA. Base Nacional Comum Curricular: Linguagens – Língua Portuguesa - Ensino Fundamental. 2019, pág.68.

CELAM. Documento de Aparecida. Brasília. Brasília: Edições CNBB, 2007, n.341.

CHESINI, C; GILZ, C. (org.). Linhas de Ação Pastoral da ANEC. Brasília, 2019.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17^a Ed., 1987.

IGREJA CATÓLICA. Papa Francisco. Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>. Acesso em: 2019

KASTRUP, V. A invenção de si e do mundo: Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Campinas: Papirus, 2009.

PALACIO, R. J. Extraordinário. São Paulo: Intrínseca, 2013.

PIAGET, J. Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança. Tradução e organização: Cláudio J. P. Saltini e Doralice B. Cavenaghi. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

Colégio Santa Catarina (CSC). Associação e Congregação das Irmãs de Santa Catarina (ACSC). Projeto Político Pediárgico Em Pastoral (PPPP). Rio Grande do Sul: 2015.

ANEC. Revista pastoral. 2018. Disponível em: <http://www.anec.org.br> Acesso em 24 ago. 2019.

TIBA, I. Quem ama, educa. São Paulo: Editora Gente, 2002.

VIGOTSKI, L. S. A formação social da mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, H. A psicologia genética. Tradução: Ana Ra. In. **Psicologia e educação da infância.** Lisboa: Estampa (coletânea).

PRINCÍPIOS CRISTÃOS PARA A EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI

Gregory Rial ¹

RESUMO

Como a Educação Católica pode contribuir para a formação da autonomia nas crianças, jovens e adultos que integram suas instituições de ensino? Qual a importância de se educar para a autonomia? E, afinal, qual a noção de autonomia capaz de orientar nosso tempo? Essas questões colocam-se como problemas desta reflexão que agora apresentamos e que se justifica frente a uma contínua descaracterização da concepção de autonomia, especialmente nos meios educativos. Para realização deste artigo, utilizamos o método bibliográfico, analisando principalmente as fontes sagradas, mas também buscamos amparo em autores contemporâneos; desconstruímos e reconstruímos a noção de autonomia e a articulamos com o labor educativo das escolas e universidades católicas.

Palavras-chave: Autonomia - Subjetividade - Liberdade - Experiência.

ABSTRACT

How can Catholic Education contribute to autonomy's construction in children, youth and adults students? How important is educating for autonomy? What is the notion of autonomy able to guide our time? These questions are the problems of this paper and they're justified in the face of a deformation of the concept of autonomy, especially in the educational environment. By visiting the Scriptures, but also grounding in contemporary authors, we deconstruct and reconstruct the notion of autonomy and articulate it with the educational work of Catholic schools and universities.

Keywords: Autonomy - Subjectivity - Freedom - Experience .

¹Mestre em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte (FAJE) e bacharel em Filosofia pela Dom Luciano Mendes de Mariana, MG (DLM). Doutorando em Comunicação Social pela UFMG. Professor da Educação Básica, atuando no Colégio Nossa Senhora das Dores, de Belo Horizonte. Coordenador do Departamento de Pastoral, da mesma instituição, membro da Comissão Arquidiocesana de Escolas Católicas (CAEC), da Arquidiocese de Belo Horizonte, e animador do GT Pastoral da ANEC MG.

> Introdução

Num momento em que as disputas ideológicas se acirram em torno do papel da escola e tentam defini-la como um espaço de uma formação mais técnica e menos crítica, mais laboral e menos existencial, faz-se necessário pensar os princípios que demarcam o carisma do fazer pedagógico das instituições católicas de ensino. E, porque não são apenas instituições católicas de ensino, mas instituições de ensino católico que seguem uma inspiração pedagógica singular; clarear o que as diferencia frente a outras propostas educativas é uma urgência. Além disso, se não há clareza desse diferencial, aumenta-se o risco de sucumbir facilmente a qualquer ameaça de silenciamento ou a tentação de se vender ao deus mercado. É preciso voltar à fonte da Educação Católica, isto é, a Palavra de Deus e ao magistério da Igreja, criando ao mesmo tempo um olhar e uma escuta mais sensíveis ao momento presente, e perguntar: qual o lugar de uma escola ou universidade católica no mundo atual? Qual novidade e frescor do Evangelho estas casas de formação podem oferecer para um mundo cada vez mais enfeitiçado pelo consumo e agitado pelos ventos das instabilidades sócio-políticas?

Nesta reflexão, propomos discutir estas questões a partir de um princípio que julgamos central na pedagogia cristã: a autonomia. Partindo de uma inspiração bíblica e de uma distinção sobre o que compreendemos como autonomia na educação, tentaremos tecer algumas considerações sobre como a identidade pastoral de uma escola católica pode colaborar para a construção da autonomia nas crianças e jovens que passam por elas.

> A autonomia cura

“Levanta-te, pega a tua cama e anda” (Jo 5, 8). No curioso episódio da cura do enfermo de Bezata, a palavra regeneradora de Jesus é bastante instigante. O evangelista conta que havia um homem que há trinta e oito anos estava à espera de alguém que pudesse levá-lo até à água curativa da piscina. Superstição daqueles doentes, cegos, coxos e paralíticos que, afirma João, “ficavam ali deitados” (Jo 5, 3) ou de fato aquelas águas eram milagrosas? Não é esta a questão, ao que parece, mas a inércia e a passividade daquele enfermo que há quase quatro décadas não conseguiu estabelecer-se como sujeito de sua própria história. Às vezes, conseguimos entrever nas falas de Jesus um incômodo, uma ironia ou mesmo uma irritação. Como uma pessoa permite-se viver tão passivamente? O evangelista narra: “Jesus o viu ali deitado e, sabendo que estava assim desde muito tempo, perguntou-lhe: ‘Queres ficar curado?’” (Jo 5, 6). A pergunta de Jesus não era retórica. De fato, aquele homem queria ficar curado? Se sim, por que tamanha letargia? Podia-se argumentar que era a sua condição de doente que o impedia, entretanto o ponto que Jesus toca com a pergunta parece outro: por que acomodar-se a um evento mágico? A resposta do enfermo que segue à pergunta de Jesus é ainda mais chocante. Ele responde: “Senhor, não tenho ninguém que me leve à piscina quando a água se movimenta. Quanto estou chegando, outro entra na minha frente” (Jo 5, 7b). A autopiedade e o sentimento de inferioridade eram as maiores paralisações que aquele enfermo enfrentava. Jesus percebeu isso e talvez, por essa razão, a fórmula com que realiza a cura não é “tua fé te salvou”, nem mesmo “eu quero – fica curado” presentes em outras perícopes,

mas sim: “Levanta, pega tua cama e anda” (Jo 5, 8). Ao abrir seus olhos para sua verdadeira enfermidade, o homem ficou imediatamente curado, pegou sua cama e começou a andar – com as próprias pernas, diga-se de passagem. E não bastava apenas levantar e andar, era preciso “pegar a cama”, ou seja, assumir sua história, sua vida, suas responsabilidades.

O evangelho de João empenhado em revelar Jesus Cristo como “aquele que nos faz conhecer Deus, sendo por isso a Luz do mundo, que não apenas se “encarna”, mas até se “enterra” para, no seu amor fecundo, revelar o Deus-Amor” (KONGINS, 2016, p. 172), enfatiza nos três textos de cura a participação dos curados como parte do processo de regeneração. Basta olhar para as fórmulas usadas por Jesus e perceber a presença dos verbos de ação:

a. na cura do filho do oficial romano (4, 43-54), Jesus diz: “Podes ir, teu filho vive” (Jo 4, 50b) – o verbo ir indica um movimento, uma saída do lugar;

b. na cura do enfermo na piscina de Bezata que analisamos (5, 1-18), aparecem os verbos levantar, pegar e andar;

c. e, por fim, a cura do cego de nascença (9, 1-7) em que Jesus manda ao cego: “Vai lavar-te na piscina de Siloé” (Jo 9, 7a) quando os verbos ir e lavar são conjugados numa única expressão verbal;

E se ainda considerarmos como curas outros dois sinais – o casamento em Caná (2, 1-12) e a ressurreição de Lázaro (11, 38-44) – notaremos também verbos de comando que contam com o empenho dos que precisam de Jesus:

d. “enchei as talhas de água e levai ao mestre sala” (Jo 2, 7-8) – encher e levar;

e. “Lázaro, vem para a fora [...] desamrai-o e deixai-o ir” (Jo 11, 43-44) – ir, desamarrar e deixar ir.

Levantar, pegar, andar, lavar, encher, levar, ir, desamarrar... Esta parca exegese é suficiente para nosso argumento neste texto. O fazer de Jesus revela muito mais do que um taumaturgo e curandeiro. Mostra que seu messianismo não se separa da história e contém um Projeto de Vida pleno para o ser humano. Deus, que nos quer todos curados e libertos, conta conosco para que este duplo processo de cura e libertação ocorra. Uma participação que não é passiva: ele conta com nossa liberdade.

É possível entrever nessa narrativa joanina o que Jesus pensa sobre a autonomia do homem. Aliás, este posicionamento está bastante marcado no quarto Evangelho desde o prólogo (Jo 1, 1-18), quando o logos se encarna: Deus reconhece a autonomia da história ao sucumbir-se a ela. O grande milagre, ou sendo fiel à teologia joanina, o grande sinal que essas curas significam é a possibilidade do homem se desenvolver de modo livre e autônomo como sujeito de sua própria história, libertando-se das muitas amarras que o condicionam, sejam elas de origem econômica, como foi nas bodas de Caná; de cunho psicológico, como na cura do enfermo de Bezata; e até mesmo a morte, como no caso de Lázaro.

Se considerarmos, portanto, que o magistério de Jesus deve impregnar e assignar a prática educativa das instituições confessionais cristãs, a autonomia não pode ser apenas um valor dentre tantos outros, elencado numa lista de valores que preenchem pro-formis a identidade e missão de uma obra educacional. Ela se põe como cerne do Projeto Político Pedagógico Pastoral de uma escola católica. Todavia, a partir do que nos inspira a Palavra de Deus, faz-se preciso delimitar nossa compreensão da autonomia para não deturparmos este conceito ao sabor das tendências individualistas contemporâneas.

> Crítica à noção moderna de autonomia

O conceito de autonomia é perigoso. A radicalização moderna desse conceito pode nos conduzir a uma espécie de egoísmo, caracterizado pelo fechamento ao outro e o autocentramento na própria vontade, produzindo-se na forma prática como autossuficiência. Pensamos não ser este o enfoque que uma pedagogia cristã dê ao conceito. Autonomia, que etimologicamente é a junção de autós – próprio e nomos – lei, normas e regras, dá a ideia de uma capacidade ou direito de reger-se pelas próprias leis.

Nem por isso, defendemos que a autonomia deva ser ensinada como uma forma de colocar o ego acima de toda lei ou como fundamento de toda norma.

A concepção kantiana da autonomia designa “a independência da vontade em relação a qualquer desejo ou objeto de desejo e a sua capacidade de determinar-se em conformidade com uma lei própria, que é a da razão” (ABBAGNANO, 2007, p. 111). Contrapondo-se à ideia de heteronomia – que seria a determinação do agir por um princípio extrínseco ao sujeito – a noção moderna pensa uma autonomia que se cumpre como afirmação da racionalidade do sujeito. Essa confiança na razão, entretanto, não se sustenta após o século XX: o século de duas guerras mundiais e do Holocausto.

Guiada pela crença positivista no progresso que os sujeitos autônomos seriam capazes de levar a humanidade, a razão moderna perdeu os seus critérios morais. Paradoxalmente, foram justamente esses critérios que a noção kantiana de autonomia visava garantir na Crítica da Razão Prática. Contudo, no campo da práxis, relacionar autonomia e razão significou em alguns momentos a relativização do Bem e do Mal e uma con-

sequente subjetivação dos valores. Portanto, é preciso lançar uma mirada crítica ao conceito moderno de autonomia para que ela não autorize a barbárie.

No âmbito educativo, muitas vezes queremos formar para a autonomia em sentido moderno, como se ela significasse simplesmente um empoderamento do ego ou uma independência fortuita do sujeito frente ao mundo e aos outros.. Que ela seja, sim, parte da constituição e da afirmação das identidades, não há dúvidas, mas não pode ser apenas isso. Paulo Freire, a quem nos reportaremos daqui em diante, na obra *Pedagogia da Autonomia*, ao valer-se da categoria de autonomia, atenta-se para “para a força de seu discurso ideológico e para as inversões que pode operar no pensamento e na prática pedagógica ao estimular o individualismo e a competitividade” (FREIRE, 2018, p. 13). Por essa razão, o grande pedagogo brasileiro direciona uma correta compreensão da autonomia ao dizer que:

Um esforço sempre presente à prática da autoridade coerentemente democrática é o que a torna quase escrava de um sonho fundamental: o de persuadir ou convencer a liberdade de que vá construindo consigo mesma, em si mesma, com materiais que, embora vindo de fora de si, sejam reelaborados por ela, a sua autonomia. É com ela, a autonomia, penosamente construindo-se, que a liberdade vai preenchendo o “espaço” antes “habitado” por sua dependência. Sua autonomia que se funda na responsabilidade que vai sendo assumida. (FREIRE, 2018, p. 91-92)

No fazer pedagógico de uma instituição católica de ensino, a autonomia fundada na responsabilidade é a grande marca que se pode deixar na construção das subjetividades das crianças, jovens e adultos a ela confiados. Tal autonomia não significa um retorno à heteronomia. A responsabilidade aqui tem a ver com um compromisso ético que se estabelece no âmago da pessoa autônoma: sou mais eu quanto mais responsável e cuidadoso

eu sou com os outros e com o mundo. Dessa forma, ela não se torna uma ponte para os egoísmos, mas um pressuposto para a solidariedade. Essa autonomia é formada a partir de três percepções fundamentais:

a. de que eu sou separado dos outros e, por isso, livre;

b. de que apesar de separado, o outro me concerne, me importa e me implica numa teia de relação que não escolhi assumir, mas que me constitui como ser humano;c. de que há em mim um *nomos*, uma lei, mandamento, internalizado em meu autós, em meu próprio ser. Essa lei é o que podemos caracterizar de responsabilidade.

Defender a autonomia como responsabilidade é defender que não se pode prescindir de nosso fato relacional e ético, e que enquanto diferença específica da espécie humana, a sociabilidade é condição para minha liberdade. Não existe um eu livre, etéreo, solitário a modo cartesiano. O eu é mais autônomo quanto mais comprometido com os outros, quanto mais consciente de suas responsabilidades frente aos outros. É nesse ponto que a autonomia rompe com a dependência. Afirma Freire que:

a eficácia de nossa presença, a das mulheres e dos homens, no mundo, reconhece, também e necessariamente, que não se vive a eficácia sem liberdade e não se tem liberdade sem risco. O educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais éticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações. (FREIRE, 2018, p. 91).

Autonomia como eficácia radical na subjetividade responsável e como liberdade: eis o desafio de uma escola católica. Esse pressuposto estava também no Evangelho. No caso de João 5, examinado anteriormente, Cristo estende a mão e liberta o enfermo de sua condição de dependência, mas ao mesmo tempo o exorta: “Olha, estás

curado. Não peques mais, para que não te aconteça coisa pior” (Jo 5, 14). Tal exortação significa que a autonomia vem carregada de responsabilidade, e, parafraseando Sartre, ser autônomo é também ser condenado à liberdade. Por isso, a formação para autonomia não consiste apenas em um libertar a consciência do sujeito e conferir-lhe uma independência moral por meio do autoconhecimento e da autoaceitação. Formar para autonomia deve ser um processo, também, de formação de uma autoridade moral e ética internalizada. É preciso saber o que fazer com a liberdade e com a autonomia, caso contrário, é muito fácil perdê-las, prendendo-se a outras amarras como o poder e a riqueza.

➤ Escola em pastoral como espaço de formação para a autonomia

É nesse sentido que a escola católica, por sua identidade e missão pastoral, pode contribuir para a formação da autonomia nas crianças e jovens. O diferencial de uma escola católica está em promover um aprendizado significativo que não seja apenas conceitual, mas que seja vivencial. O que aqui, podemos definir sem medo, como formar para que os sujeitos sejam “pessoas”. A pedagogia católica é marcada pela filosofia de inspiração personalista, ou seja, almeja desenvolver a identidade e a relação, a interioridade e a comunicação, a dimensão pessoal e social ao mesmo tempo. Esse dinamismo entre dentro e fora, entre um e nós é o que tenciona o conceito de pessoa da filosofia cristã desde Agostinho e Tomás de Aquino, depois apropriado mais contemporaneamente pelos personalistas pós-tomistas contemporâneos como Mounier, Gabriel Marcel e Edith Stein. Vale destacar, falando dessa última, que na filosofia

steiniana de fundo fenomenológico fica evidente como a autonomia se constitui como posse de si, como descoberta de seu núcleo pessoal (*kern*) – que é a denominação da autora a intensa vida interna que singulariza cada ente humano – e, ao mesmo tempo, como doação de si, como intropatia ou empatia nas relações intersubjetivas (cf. ALFIERI, 2014, p. 72-84).

A antropologia filosófica de Stein, inspirada na fenomenologia de Husserl, mas também profundamente cristã, responde a um anseio da filósofa (e depois santa da Igreja Católica) de construir um aporte antropológico diferenciado para a pedagogia cristã. Para ela, “somente considerando a individualidade de cada pessoa humana é que se pode construir um projeto educacional capaz de conduzir o indivíduo ao reconhecimento de sua singularidade, levando-o, assim, à verdadeira autonomia” (ALFIERI, 2014, p. 95). Atenhar-se para a singularidade e encontrá-la como algo que tem uma dimensão espiritual e, por isso mesmo, ética, foi a saída de Stein para se contrapor ao mito da raça que o nazifascismo propugnava na Europa da década de 30. Para os tempos de hoje, a fim de se interromper a gesta das massificações, parece que Stein oferece-nos uma boa reflexão.

Já nos reportando a outra matriz personalista, desta vez na psicologia centrada na pessoa de Carl Rogers, encontramos ainda outra inspiração. Em Tornar-se pessoa, Rogers (2009, p. 339-341) afirma que o processo educativo, tal qual o processo terapêutico, é o de um “tornar-se” no qual os agentes externos como família, comunidade e sociedade tem influência na aceitação do eu sou, ainda que não sejam determinantes. Para Rogers, uma educação capaz de ajudar uma pessoa a tornar-se pessoa é aquela na qual uma criança ou jovem é

estimulado a assumir quem ele é e ser capaz de se comunicar de forma efetiva. Portanto, a abordagem pedagógica que visa à autonomia em sentido ético deve considerar que a “identidade, não é exatamente o que sou, mas de onde me origino, da comunidade [...]. A identidade torna-se sem sentido sem a diferença” (SILVA, 2012, p. 88).

E, retomando o magistério mais recente do Papa Francisco, podemos dizer que a escola católica é “um lugar privilegiado de promoção da pessoa” (FRANCISCO, 2019, n. 221), mas que precisa de “uma urgente autocrítica” (ibidem). Para o Papa, o tempo presente é marcado por uma crescente banalização da vida, por um esvaziamento do sentido do viver. Ele sugere que o estudo sirva “para se questionar, para não se deixar anestesiado pela banalidade, para procurar um sentido na vida. Deve ser reclamado o direito a não fazer prevalecer as muitas sereias que hoje afastam desta busca” (ibidem, n. 223). O Papa sinaliza um programa para o enfrentamento dos feitiços contemporâneos por meio da educação que mais do que instruir, deve levar à aprendizagem significativa.

>Curriculum evangelizado e o fator experiência

A escola não pode ser um “bunker” afirma o Papa na exortação *Christus vivit* (cf. FRANCISCO, 2019, n. 221). A endogenia não faz bem, porque na tentativa de poupar nossos estudantes dos problemas do mundo, estamos construindo para eles um mundo imaginário, dotando-lhes de uma visão de mundo ingênua e crispada. Nesse sentido, um currículo evangelizador pode ser uma proposta ousada, mas bastante necessária.

A ideia de currículo evangelizador que aparece no texto do CELAM “Ide e

Ensinai – identidade e missão das escolas católicas..." de 2011 (CELAM, 2011, p. 20), pode ser entendida como um artefato cultural e social que se comporta como um dispositivo institucional. Tradicionalmente, os currículos escolares se orientam pelo princípio da transmissão de conteúdos acumulados ao longo da história humana. Não é esse o caso do currículo evangelizador. Se o objetivo é formar para autonomia, o binômio ensinar-aprender deveria ser substituído pelo trinômio experimentar-refletir-aprender, inspirado na pedagogia de Jesus-mestre. Essa estrutura reuniria, como a ideia de currículo prevê, o conjunto dos saberes construídos pela humanidade, mas proporia uma metodologia diferenciada de apropriação destes conteúdos. O saber não seria adquirido, uma vez que adquirir é uma categoria da sociedade de consumo, significaria possuir e deter. No currículo evangelizador, adquirir conhecimento se converte em partilhar de um conhecimento e usá-lo a serviço dos demais. Tal postura ética mediante o conhecimento se harmoniza com a concepção de autonomia que trouxemos de Freire.

Para que o conhecimento seja colocado a serviço, o currículo evangelizador necessita ser profundamente encarnado, enraizado nos problemas do tempo presente. Ele deve ser possibilitador da experiência. Apropriar-se de um conteúdo, de um saber, de uma disciplina pela experiência é mais significativo do que pela abstração. A experiência, no entanto, ficaria empobrecida se não fosse refletida. Nesse sentido, a reflexão em torno das diversas aplicações que as experiências do real permitem, deve ser feita de acordo com os critérios e valores cristãos numa escola católica. O bem, a paz, a justiça devem ser temas de todas as disciplinas e iniciativas escolares. Devem ser meio e fim de toda aprendizagem.

> Prática docente: testemunho

Os professores têm, na formação para a autonomia, um importante papel. Não como tutores de pessoas, mas como estimuladores de subjetividades. Eles devem possibilitar um ambiente de confiança para que seus educandos se desenvolvam na direção da liberdade de serem quem são e, por isso, responsáveis uns pelos outros. O professor castrador de opiniões, silenciador e disciplinador, que exerce poder e autoridade sobre os alunos oprimindo-os, não deveria ter espaço na escola católica, justamente porque Jesus não foi um mestre dessa estirpe. Freire destaca que:

o professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquiétude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. É neste sentido que o professor autoritário, que por isso mesmo afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto, tanto quanto o professor licencioso rompe com a radicalidade do ser humano – a de sua inconclusão assumida em que se enraíza a eticidade. (FREIRE, 2018, p. 58-59)

É papel dos professores garantir que a sala de aula e os demais espaços pedagógicos sejam lugares de cultivo da dialogicidade. Rogers também diz isso ao considerar que “a aprendizagem pode ser facilitada, segundo parece, se o professor for congruente. [...] A congruência significa que ele aceita seus sentimentos reais” (ROGERS, 2009, p. 331). Um professor humano forma crianças, jovens e adultos humanos. Um professor autônomo, isto é, consciente de sua alta responsabilidade perante os outros, dá testemunho dessa autonomia e arrasta os

seus educandos para esta mesma autonomia. “O professor é uma pessoa, não a encarnação abstrata de uma exigência curricular ou um canal estéril através do qual o saber passa de geração em geração” (*ibidem*).

No cotidiano das escolas, não é raro encontrar professores totalmente submissos a seus superiores, obedientes e adestrados. Talvez, nesse momento, estejamos carente de ousadia e de coragem na prática docente e, oxalá as gestões das escolas católicas assim possibilitessem. Mas o medo e o falso desejo de segurança que trataremos mais a frente, quase sempre põe um interdito frente à proatividade dos educadores.

► Animação pastoral: vivência

Por fim, algo que é muito específico da realidade das escolas católicas, é o impulso que a vida pastoral dos colégios, universidade e demais instituições pode oferecer para a formação da verdadeira autonomia nas crianças e adolescentes em formação. De fato, a vida pastoral das escolas deve sempre ser pensada como local também de um fazer pedagógico, evitando qualquer forma de proselitismo e de espiritualismo que não condiz com o sentire cum ecclesia de nosso tempo.

Na recente exortação *Christus Vivit*, o Papa Francisco foi categórico ao exigir que as escolas católicas repensem as suas atividades pastorais e criticou aquelas escolas que insistem “uma pastoral concentrada na instrução religiosa que, frequentemente, se mostra incapaz de suscitar experiências de fé duradouras” (FRANCISCO, 2019, n. 221). Note-se a ênfase do Papa no termo: “experiências de fé duradoura”. É sabido que nas instituições católicas existem, ao longo do ano, momentos de oração e espiritualidade, de catequese e celebração, de

formação e de partilha da vida. Mas, o Papa quer mais do que um aceno à espiritualidade cristã. Ele deseja uma escola comprometida com a vocação pastoral o que significa formar discípulos e discípulas de Jesus.

Dado o momento que vivemos – de radicalismos religiosos de um lado e de alergia ao que soa religioso de outro – a escola é desafiada a construir um projeto pastoral ousado e fiel ao Evangelho sem que isso soe algum tipo de doutrinação. Doutrinar não favorece a autonomia que tanto sonhamos. A doutrina de Cristo é um fardo leve não no sentido que seja pobre de exigências, mas no que diz respeito à coerção: Cristo não coage ninguém a segui-lo. Ele convida. E esse talvez seja o primeiro exercício de uma pastoral escolar: fazer o convite e mostrar aos estudantes que é preciso fazer uma escolha, ou seja, dar a possibilidade da escolha. Mostrar Cristo como caminho, verdade e vida dizendo: “este é um caminho que você pode escolher...”, mas não impor.

Existem várias formas de apresentar Cristo que dispensam as velhas fórmulas igrejeiras, que pouco ou nada dizem ao público que nossas escolas e universidades lidam. É preciso mudar as estratégias pastorais com criatividade. Parafraseando o cantor, “é preciso pescar diferente, que o povo já sente que o tempo chegou”. Nesse sentido, também existe uma rica possibilidade de se trabalhar a autonomia na medida em que a Pastoral torna-se um espaço de protagonismo do estudante na escola. Ao organizar alguma atividade de cunho solidário, por exemplo, ou ao trabalhar junto a alguma comunidade pobre durante uma experiência missionária, as pastorais escolares estão dando aos jovens uma oportunidade de serem atores e não meros espectadores de uma

transformação social. Em campo, os estudantes tornam-se eles mesmos a mudança que eles visualizam para o mundo e sentem-se responsáveis. Se a autonomia, no sentido de Freire e de Jesus, significa um assumir a vida e a responsabilidade que nos cabe, parece que este é um caminho necessário.

Além da formação religiosa atualizada para nossos tempos, as pastorais escolares ainda precisam ser uma voz profética. Se o profeta é aquele capaz de espezinhar as consciências pela sua interpretação dos sinais dos tempos, neste tempo de muitos sinais – e alguns deveras estranhos – a escola deve agir com profetismo. Não deve, contudo, cair em discursos panfletários, mas deve estar atenta ao Espírito Santo que nos cobra verdade. É muito fácil polarizar. Pensamos que não seja esse o caminho. As pastorais devem ser casas de discussão e de formação, de construção de uma cidadania consciente e atenta aos mais pobres – valores do Evangelho. Não deve se circunscrever apenas ao que é da ordem do sagrado. A autonomia deve ser formada também como cidadania, como uma assunção das responsabilidades coletivas: algo que tanto falta em nosso Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E, à guisa de conclusão, precisamos enfrentar ainda uma última questão que se nos impõe: como formar para a autonomia num momento em que o medo e o desejo de segurança se materializam em fechamentos e superproteções? Como educar seres humanos para a liberdade, para construírem pontes ao invés de muros? Se a autonomia significa a escuta de um mandamento de amor e acolhida em si, que nos faz responsáveis por nós e pelos outros, temos que ser

insistentes e vencer o medo.

Na *Christus Vivit*, Papa Francisco identifica já dentro da Igreja essa tendência de autodefesa e alerta-nos para a “fobia da mudança” que, segundo ele, torna as escolas católicas “incapazes de suportar a incerteza, impelindo-as a retrair-se perante os perigos, reais ou imaginários, que toda a mudança acarreta consigo” (FRANCISCO, 2019, n. 221). Essa mesma dimensão é vivida nos âmbitos familiares e sociais. O medo dos inimigos imaginários pode produzir uma ideia de autonomia ligada a autoafirmação, o que consistiria numa contradição ao que desconstruímos da noção moderna de autonomia. Se, por um lado, os estudantes são superprotégidos, se se evita expô-los aos perigos do mundo na tentativa de poupá-los, a escola católica deve, corajosamente, promover um desinstalar desta segurança e mostrar que há um mundo real, que há sofrimento, que há injustiça, que há privilégios. É preciso chacoalhar as consciências – despertá-las – para que sejam realmente autônomas e não simplesmente egoístas. O chacoalhar passa pelo currículo e suas experiências desconcertantes, pelo testemunho dos professores e demais educadores e, sobretudo, pela ação pastoral que se torna um posicionamento teológico-político das escolas frente aos desafios do mundo.

O que pretendemos, por fim, mostrar ao longo desta exposição foi que a escola católica, por sua idiosyncrasia, é um espaço privilegiado de formar autonomias. Ao repropor o conceito de autonomia a partir de percepções contemporâneas como as de Paulo Freire, Edith Stein e mesmo do Papa Francisco, pretendemos romper com a visão de autonomia ligada à autossuficiência. Em nosso tempo, já sabemos aonde os egos inflados são capazes de levar. Também

delinhamos caminhos institucionais – o currículo, o testemunho e própria pastoral escolar – como potentes vivências de autonomia. O caminho pedagógico, certamente repleto de incertezas, mas também de alegrias, mostrou-se a nós como um constante repetir, a todos que por nós passarem, aquelas palavras de Jesus ao enfermo de Bezata: “Levanta, pega tua cama e anda” (Jo 5, 8).

REFERÊNCIAS

ALFIERI, F. **Pessoa humana e singularidade em Edith Stein: uma nova fundação da antropologia filosófica.** Tradução Clio Tricarico. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia.** Tradução Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CELAM. **Vayan e enseñen: identidad y misión de la escuela católica en el cambio de época a luz de Aparecida.** Bogotá: SM, 2011.

FRANCISCO. **Christus Vivit: exortação apostólica pós-sinodal.** Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2019. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/_apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html> Acesso em 01 out. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 57 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

KONNINGS, J. **João: uma gnose prática?** V. 14, n. 1. Goiânia: Caminhos, 2016. Disponível em: <<http://seer.puc-goias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/4834/2700>> Acesso em 01 out. 2019.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa.** Tradução Manoel José do Carmo Ferreira e Alvamar Lamparelli. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SILVA, S. R. **Educação, identidade e formação moral.** In: GARCIA, J; TRINDADE, R. (orgs). **Ética e educação: questões e reflexões.** Rio de Janeiro: Wak, 2012.



V EXPOAGOSTINIANA RETRATA AGOSTINHO DE HIPONA COMO “HOMEM ENTRE OUTROS HOMENS” E SUA BUSCA INQUIETA DA FELICIDADE

Ana Célia Magalhães¹

Camila Serra²

Érika Figueiredo Rodrigues³

Rodolfo de Oliveira Silva⁴

Vânia Queiroz⁵

RESUMO

O Colégio Santo Agostinho - Belo Horizonte realizou durante os dias de 27 a 30 de agosto, a V ExpoAgostiniana, em homenagem a Santo Agostinho, nosso patrono e pai espiritual. Este ano foi escolhido como tema: "Agostinho: um homem entre outros homens" e como símbolo as Matrioshkas, bonecas russas que aninham outras dentro de si e que nos convidam a exercitar permanentemente nossa interioridade. O objetivo dessa exposição de arte, intervenção cultural, teatro etc. – desenvolvida por toda a comunidade educativa e que acontece a cada dois anos – é o de atualizar e promover o legado do Bispo de Hipona, valorizando sua filosofia, carisma e espiritualidade, em diálogo com todo o Projeto Pedagógico.

Palavras-chave: Agostinho - ExpoAgostiniana - Espiritualidade - Filosofia.

ABSTRACT

From August 27th to 30th, the College of St. Augustine - Belo Horizonte held the 5th Expo Agustinian, in honor of St. Augustine, our patron and spiritual father. This year was chosen as the theme: "Augustine: a man among other men"; and as a symbol the Matrioshkas, Russian dolls who nest others within themselves and who invite us to permanently exercise our interiority. The objective of this art exhibition, cultural intervention, theater, etc. - The aim of this exposition - developed by the entire educational community and held every two years - is to update and promote the legacy of the Bishop of Hippo, valuing his philosophy, charism and spirituality in dialogue with the entire Pedagogical Project.

Keywords: Augustine - ExpoAgustinián - Spirituality - Philosophy.

¹Graduada em Pedagogia. Professora de Artes e Agente de Pastoral. ana.celia@santoagostinho.com.br

²Graduada em Publicidade. Analista de Comunicação. camila.serra@santoagostinho.com.br

³Graduada em Filosofia, Psicologia e Especializada em Ciências da Religião. Agente de Pastoral. erika.rodrigues@santoagostinho.com.br

⁴Graduado em Licenciatura na área de Filosofia. Agente de Pastoral. rodolfo.silva@santoagostinho.com.br

⁵Graduada em Jornalismo. Analista de Comunicação. vania.queiroz@santoagostinho.com.br

> Introdução

A filosofia e espiritualidade de Santo Agostinho norteiam, através dos tempos, todas as iniciativas educacionais e missionárias das obras Agostinianas.

O Colégio Santo Agostinho - Belo Horizonte, enquanto uma das obras da Ordem de Santo Agostinho (OSA), oferece aos seus alunos uma educação pautada nos valores cristãos, norteados e iluminados pela filosofia e espiritualidade agostiniana.



Foto: Autores

Sua prática educativa ultrapassa as salas de aula, buscando educar os jovens, adolescentes e crianças para a vida, por meio de diversas ações na escola e na comunidade.

O DEPAS (Departamento de Evangelização, Pastoral e Ações Sociais do Colégio Santo Agostinho) contribui nessa missão, articulando espaços de vivência dos valores humanos, cristãos e agostinianos, e oferecendo oportunidades de expressão da fé para todos os membros da Comunidade Educativa: educandos, pais, responsáveis e colaboradores.

Como parte das celebrações de agosto, que é o mês agostiniano, onde se celebra o nosso patrono Santo Agostinho e Santa Mônica sua mãe; o DEPAS, junto

com a equipe pedagógica do Colégio, realiza a ExpoAgostiniana, evento que acontece de dois em dois anos como oportunidade de apresentação/manIFESTAÇÃO de produção artística e cultural, bem como interação entre os expositores e o público, estes buscam explicitar os valores vividos por Agostinho, inspirador de nossa prática pedagógica.

A ideia da ExpoAgostiniana, como relata a Coordenadora do DEPAS, Maria da Dores, surgiu em Madri, no ano de 2011, quando lá estavam com um grupo de 20 educandos, na Jornada Mundial da Juventude, e ao visitarem uma paróquia em que havia uma exposição dos frades agostinianos perceberam o envolvimento dos jovens, desejando conhecer a história daqueles frades. Ali entenderam que era o momento de se trazer para o Brasil a proposta sugerida na exposição: “Conhecendo os agostinianos e suas obras solidárias”.

A primeira proposta da Exposição foi de implementar a presença agostiniana no meio da comunidade educativa, a partir de temas atuais, tendo como inspiração os ensinamentos do próprio Agostinho de Hipona. Com o acompanhamento do Assessor de Pastoral, Frei Tailer Douglas Ferreira, OSA, define-se o tema com o objetivo de se proporcionar à Comunidade Educativa o exercício da busca e da inquietude, ampliando a visão de mundo, e a possibilidade de aprofundamento da vivência da espiritualidade agostiniana e, consequentemente, o compromisso com a comunidade.

Nas duas últimas edições, os temas abordados foram os da Campanha da Fraternidade. Para 2019 foi apresentado para a Comunidade Educativa um plano diferente, que se desdobrará por mais duas edições subsequentes: “Agostinho: o homem, o pastor, o místico” criando, junto aos colaboradores,

uma oportunidade de revisituar a biografia de Santo Agostinho.

► Santo Agostinho: homem entre outros homens

“Que eu seja sempre humano, Senhor. Que eu compreenda os seres humanos e seus problemas. Ser humano sou, como eles. Seres Humanos são, como eu”. (AGUSTÍN, 1985 – tradução livre). Esse foi o ponto de partida para a V ExpoAgostiniana, já que antes mesmo de Agostinho se tornar essa figura exponencial do pensamento cristão e filosófico, ele foi humano como qualquer outro ser humano, e viveu, na sua história, fatos e acontecimentos que tem consciência na vida e na realidade do mundo atual, principalmente na realidade dos membros da comunidade educativa do Colégio Santo Agostinho, Belo Horizonte.



Foto: Autores

Sendo assim, o que se pode aprender com biografia de Agostinho? Para isso foi preciso que a Comunidade Educativa revisitasse a história do Santo com intuito entender como a sua experiência de vida ainda é tão atual. Dessa forma foi distribuída de maneira adequada e cronologicamente a biografia do santo entre as diversas séries para que fossem desenvolvidas atividades referentes àquela determinada fase de sua vida: Nascimento e infância – onde foram trabalhados temas como: o ambiente em que

nasceu, relações familiares, amizade, pecados da infância (negligência nos estudos, mentiras, brigas entre amigos, pequenos furtos); Adolescência – trabalhando com os temas do desejo de expandir os horizontes, aprofundamento nos estudos, más companhias, más inclinações, novas experiências; Juventude – onde temas como o amor, as relações afetivas, os projetos de vida, os sonhos, a paternidade; e Vida adulta – com temas mais filosóficos como: a busca pela sabedoria, o processo de conversão ao cristianismo, a relação entre fé e razão.

Os preparativos da Exposição tiveram início em 2017, logo após a IV ExpoAgostiniana, se intensificando nos primeiros meses deste ano, envolvendo educandos e educadores de todos os segmentos. Primeiramente, com reflexões nas aulas de Ensino Religioso, escolha do símbolo da Exposição e, depois, nas aulas de Arte, com a confecção dos trabalhos que foram expostos. O envolvimento do DEAC (Departamento de Arte e Cultura), foi fundamental para realização dos projetos. Além da produção artística dos alunos, a V ExpoAgostiniana trouxe palestras, reflexões, contato de histórias, intervenções, exibição de vídeo sobre a vida de Santo Agostinho, durante os dias de 27 a 30 de agosto, e algumas atividades que contaram com a participação dos pais.

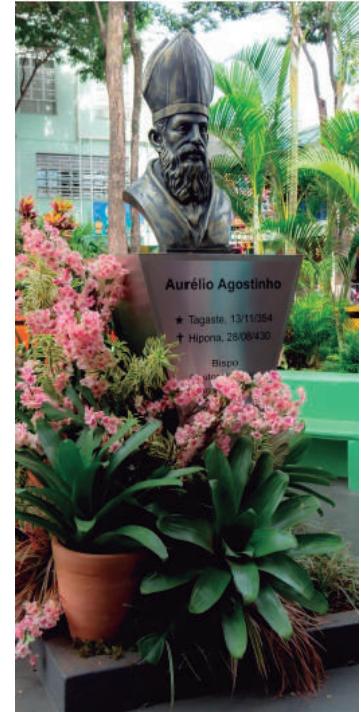


Foto: Autores

> Matrioshkas X Santo Agostinho



Quadro e folder de divulgação

As Matrioshkas, escolhidas como símbolo da Exposição, foram concebidas no desenho sensível e criativo da professora de Arte, Luíza Pacheco. Após a criação, o professor Marcos Bonfim produziu lindas esculturas que ficaram expostas durante a semana.

Cada Matrioshka representou um estágio da história de Santo Agostinho e sua busca inquieta pelo sentido da vida: a primeira simbolizou a busca pela felicidade por meio das coisas externas, quando Agostinho acreditava que ela estava nos prazeres do mundo. “Eu, disforme, lançava-me sobre as belas formas das tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti as tuas criaturas” (AGOSTINHO, 1984). A segunda representou a busca de Agostinho por meio da razão e da sabedoria, momento em que achava que as respostas estariam nos livros. Por isso, lê, escuta, reflete, mas não se sente completo “Eu passei a aspirar com todas as forças à imortalidade que vem da sabedoria” (AGOSTINHO, 1984). A terceira simbolizou o encontro de Agostinho com a felicidade. Nesse momento, após buscar em seu interior, ele encontra sua resposta em Deus, “uma beleza tão antiga e tão nova” (AGOSTINHO, 1984).



Foto: Autores

> Pelos corredores do Colégio

A filosofia e os valores agostinianos tomaram conta de todos os ambientes do Colégio na Semana da V ExpoAgostiniana. Já na entrada a ornamentação do busto de Santo Agostinho sinalizava a vivência de um tempo especial.

Na capela, na biblioteca, na sala de informática, no pátio e nos corredores, o visitante pode vivenciar uma experiência de encontro consigo mesmo. Através de espelhos, mais do que uma imagem refletida, convidava-se a buscar a própria interioridade. Por meio das frases e palavras dispostas nas mais variadas formas, havia os ensinamentos da: vida, história e filosofia agostiniana, trazidos para os dias atuais.

Cada desenho, cada trabalho, mostrava a percepção única e a individualidade de cada educando, ampliando o conhecimento do observador e tornando a sua experiência ainda mais rica.



Foto: Autores



Foto: Autores



Foto: Autores



Foto: Autores

> A eterna busca/encontro do ser humano com Deus

Durante a V ExpoAgostiniana uma pintura, em especial, chamou a atenção de todos: a imagem no muro que separa as quadras da piscina. O trabalho foi elaborado pelo professor de Arte, Marcos Bonfim, juntamente com: os jovens do Grupo de Convivência Agostiniana (GRUCA); os educandos do 7º ano do EF à 1ª série do EM; com contribuição, de Luiza Zapalla (1ª série), na parceria do desenho das mãos; e com a participação especial do Frei Agostiniano José Maria Velasco.



Foto: Autores

> Feira de Artesanato da APAC

A parceria entre o projeto “Resgatando a Cidadania”, desenvolvido pela disciplina de Ensino Religioso com os educandos do 9º ano; e a Associação de Proteção e Assistência ao Condenado (APAC); trouxe para o Colégio a “Feira de Artesanato”, com a venda de produtos produzidos pelos recuperandos da Associação.

> Caminho das peras

Uma das histórias da vida de Agostinho foi regatada durante a V ExpoAgostiniana por meio do jogo “Caminho das

peras". No Jogo, como na vida real, quando um erro é reconhecido, avança-se uma casa e conquista-se a vitória. Na história, Agostinho e seus amigos roubam peras no jardim do vizinho:

"Sim, eram belas aquelas frutas, mas não era a elas que minha alma infeliz cobiçava; eu as possuía em abundância e melhores. Eu as colhi somente para roubar, e uma vez colhidas, atire-as fora para saciar-me apenas com a minha maldade, saboreada com alegria. Se alguma tocou meus lábios, foi o meu crime que me deu sabor". (AGOSTINHO, 1984)

> Histórias para corações inquietos



Foto: Autores

As Bibliotecas, Gregório Mendel e Monteiro Lobato, promoveram exposições e apresentações artísticas, que mesclaram diversas linguagens: contação de histórias, músicas, depoimentos, tendo como foco histórias reais e fictícias que sensibilizaram e provocaram nos educandos uma reflexão sobre seu protagonismo, diante do chamado agostiniano para uma vida em comunidade.

Exposição na Biblioteca Gregório Mendel: "No caminho da verdade". Por meio dos estandartes de Túlia Dias e um tapete construído com serragem por Joílson Dantas, os visitantes foram convidados a refletir sobre duas questões:

"que caminho seguiu Agostinho para encontrar a Deus? " e "será esse mesmo caminho é válido para o ser humano de hoje? ".

No espetáculo "O buscador da verdade", Rosana Mont'Alverne e o violinista Eduardo Flores conduziram a plateia ao encontro da verdade nos contos de sabedoria, e suas possibilidades de interpretação e renovação. Já na palestra "Encantadores de histórias da APAC de Itaúna: o poder da palavra", Rosana e o ex-recuperando Roberto Donizete relataram a experiência transformadora das oficinas de formação de contadores de histórias na vida dos assistidos pela Associação. Ambos contaram com a participação dos educandos do 9º ano juntamente com seus pais/responsáveis.

Na Conversa com Mariana Rosa, jornalista e autora do livro "Diário da mãe de Alice", os educandos do 7º ano, juntamente com seus pais/responsáveis, refletiram sobre projeto de vida, inclusão e empatia.

O Projeto Semeando Valores apresentou, na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, vários contos da literatura infantil, buscando resgatar, vivenciar e estimular os valores agostinianos e sua influência na vida cotidiana. Na culminância do projeto, foi realizada com as crianças da Educação Infantil e do 1º ano, a Oficina "Bombas do Bem" que teve como proposta aliar vontade e atitude para nos tornar pessoas do bem, e transformar o local em que vivemos.

> Altos Papos

Em parceria com o Grupo de Convivência Agostiniana (GRUCA), o DEPAS promoveu a 11ª edição do "Altos Papos" nas quartas-feiras do mês de agosto. Os encontros foram inspirados no tema da V ExpoAgostiniana - Agostinho: um

um homem entre outros homens, e tiveram como convidados: Frei Tailer, OSA, e a professora de Ensino Religioso, Jacqueline Crepaldi. O Altos Papos buscou influenciar a juventude, de maneira positiva, na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.



Foto: Autores

➤ Roda de conversa

Durante a Exposição, o DEPAS promoveu um encontro com os alunos da 1^a e da 2^a série EM para um debate sobre “Propriedade Privada e Moradia: direitos fundamentais”. A mesa foi composta por Tales Augusto Nascimento Vioti, advogado popular e representante do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB); Alexandre Borges, representando os povos indígenas; e o professor Luiz Cláudio Soares de Paula, que falou sobre o trabalho do grupo Anjos da Noite; além dos colaboradores do Colégio, que visita e auxilia pessoas em situação de rua na cidade de Belo Horizonte (MG).

➤ Onde está a sua felicidade?

O “Grupo Trampulim” trouxe ao Colégio o espetáculo: “Manotas musicais”, intervenções iluminadas pela filo-

sofia e espiritualidade agostiniana. As intervenções aconteceram nas salas do 6º ano à 3^a série EM, na sala dos professores e no pátio da escola, onde o Grupo interagia com os presentes, instigando o pensamento sobre para cada um, com a pergunta: “onde está a felicidade?”.



Foto: Autores

➤ Agostinho e o maravilhoso sentido da vida

O tema “Agostinho e o maravilhoso sentido da vida”, título do livro, lançado recentemente no Colégio, pela Professora de Ensino Religioso Jacqueline Crepaldi foi trabalhado por meio de palestras, para os pais/responsáveis e inspirou a produção do “Cineminha com Agostinho”, apresentado no Teatro do Colégio para os educandos da Educação Infantil ao 2º ano.

Mas, será que os educandos das séries iniciais do Colégio conhecem a história de Agostinho? Com essa pergunta, os educandos e seus pais/responsáveis foram convidados a pensar sobre o sentido da vida. Nessa experiência, tentou-se levá-los a refletir que a felicidade se encontra no face a face. Quem encontra o outro, encontra a Deus.



Foto: Autores



Foto: Autores

> Jornalistas por um dia

Buscando exercitar o conhecimento adquirido nas aulas de Produção de Textos, os educandos da 1^a e das 2^a séries do EM realizaram uma cobertura jornalística da V ExpoAgostiniana. Eles fizeram entrevistas e gravaram vídeos mostrando alguns dos principais momentos da Semana.

> 28 de agosto - Dia de Santo Agostinho

Uma missa campal, presidida pelo Frei Luiz Antônio Pinheiro, presidente da Sociedade Inteligência e Coração (SIC), mantenedora do Colégio, marcou o Dia de Santo Agostinho. A Missa comemorou também os 85 anos do Colégio Santo Agostinho - BH.

A celebração foi realizada na quadra, com ambientação especial de grande beleza e profunda harmonia. Participaram os freis agostinianos Alexandre Pereira e Tailer Ferreira; o padre Márcio Ribeiro, presidente da Comissão Arquidiocesana das Escolas Católicas (CAEC); Jovens do GRUCA; famílias agostinianas; e colaboradores.

Ao final, as crianças foram convidadas para, junto ao celebrante, abençoar todos os presentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Matrioshkas, com Santo Agostinho, nos ensinam: somos UM! Cada estágio da vida é uma oportunidade de crescimento pessoal, independentemente da idade. É preciso que nos encontremos e nos busquemos a cada dia!

A V ExpoAgostiniana foi, e continua sendo, inspiração para toda a comunidade educativa. Semana propícia para não nos esquecermos que somos humanos, demasiadamente humanos, e que aspirando, a exemplo de Agostinho, à “beleza sempre antiga e sempre nova” (AGOSTINHO, 1984); somos capazes de compreender as nossas mazelas e buscar, para além do que se é posto, a felicidade que tanto almejamos.

Acesse o nosso site e confira mais fotos dessa experiência maravilhosa: <http://bh.santoagostinho.com.br/>

REFERÊNCIAS

AGUSTÍN, S. **Sermones**. 6 vol, 4 ed.
Madrid: BAC, 1985.

AGOSTINHO, SANTO. **Confissões**. Tra-
dução de Maria Luiza Jardim Amarante.
São Paulo: Paulus, 1984.

_____. **A Cidade de Deus**. 3 ed. Petró-
polis: Vozes, 1991

CONTALDO, S. M. **Cor inquietum**: uma
leitura de “Confissões”. Porto Alegre:
Letra & Vida, 2011.



AGENDA UNIVERSIDADES E AMAZÔNIA (2019-2029)

No dia 25 de março de 2019, foi realizada a assinatura do Protocolo, pelas entidades (CNBB, REPAM, OLMA e ANEC) que assumem como principal objetivo a união de forças por um Mundo mais igualitário em todos os aspectos da vida; assim como menciona o documento iniciado com um texto do Laudato Si', n.202:

"Muitas coisas devem reajustar o próprio rumo, mas antes de tudo é a humanidade que precisa mudar. Falta a consciência de uma origem comum, de uma recíproca pertença e de um futuro partilhado por todos. Esta consciência basilar permitiria o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida. Surge, assim, um grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração".

Essa plataforma de orientação foi idealizada para que sejam incluídas as pautas socioambientais e amazônicas no ambiente universitário.

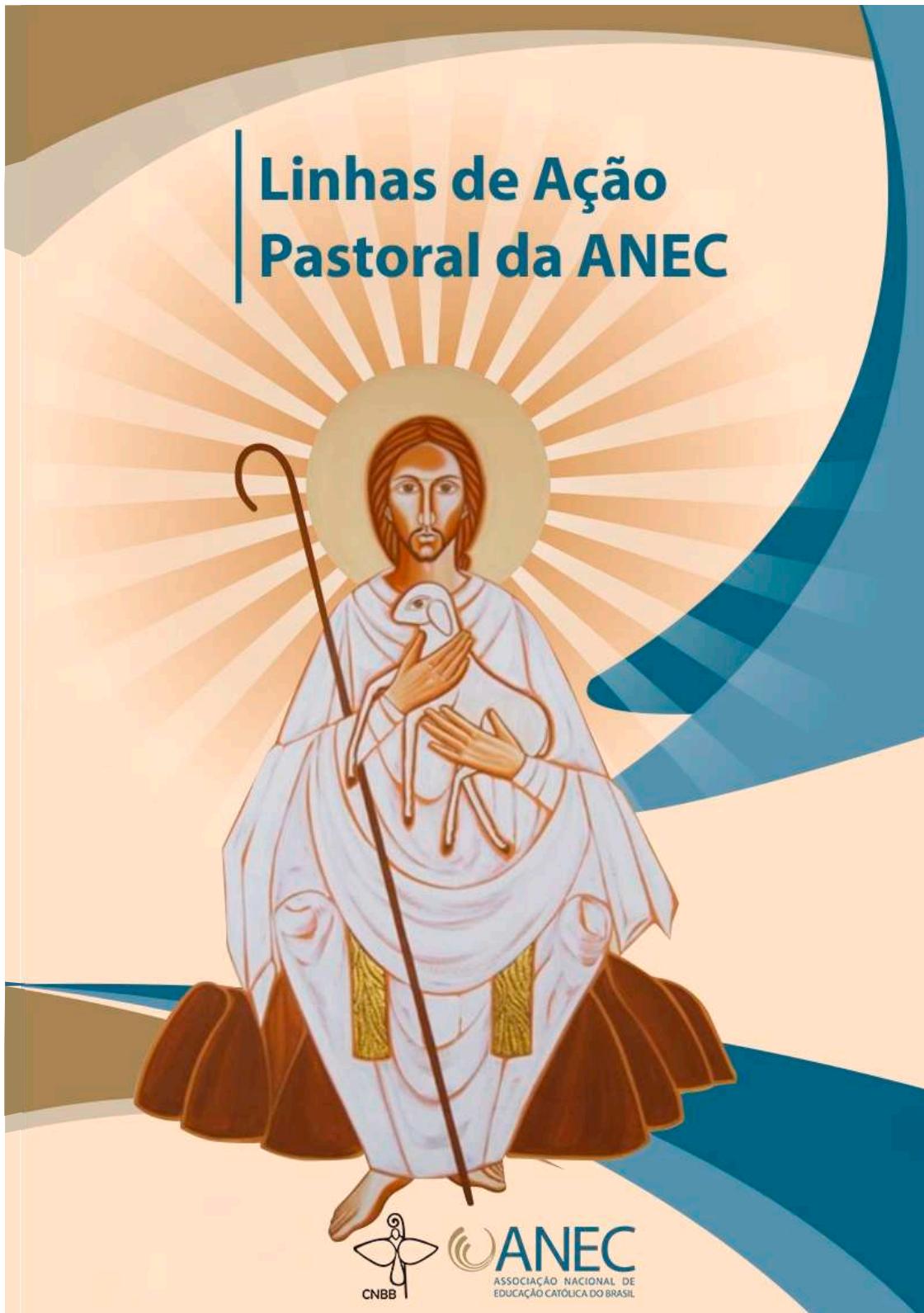
O agradecimento a todos que acreditam que esse documento é muito mais que um planejamento participativo para mobilizar as IES na pauta socioambiental, e sim o futuro que já começou. Ainda, estão sendo organizadas diversas atividades comuns às IES de todo o Brasil, por isso você pode se informar e participar; junte-se a nós para dar visibilidade ao que está sendo realizado!



Foto: Autores

BIBLIOTECA - ESTANTE

Linhos de Ação Pastoral



O documento foi elaborado a partir de generosidade de diversos corações e mãos. Estruturado em três partes, ele tem como objetivo oportunizar às instituições de ensino católicas algumas Linhas de Ação Pastoral.

A ilustração da capa (imagem do Bom Pastor) nos inquieta e mobiliza sob diferentes aspectos. Inquieta-nos a enunciar nas instituições de ensino católicas a boa notícia de que Ele, o Bom Pastor, todos os dias continua a doar “a sua vida pelas ovelhas” (Jo 10,12). Incita-nos a considerar o quanto Ele, o Bom Pastor, “conhece as suas ovelhas” (Jo 10,15), cuida de cada uma delas e as conduz com um amor único e sem medidas. Mobiliza-nos, por sua vez, a escutar a voz Dele, a deixar transparecer em nossas palavras e gestos os mesmos sentimentos do Bom Pastor, bem como, em cada processo e ação pastoral: sentimentos de acolhida, amor, compaixão, cuidado, zelo, carinho, encantamento, atenção, partilha, doação, ternura, simpatia, bondade, perdão, alegria, perspicácia, sabedoria e transcendência.

Reconhecemos e nos identificamos com a centralidade da pessoa de Jesus na vida pessoal, e na ação pastoral das instituições católicas. É Jesus representado e descrito como Bom Pastor, presente nas passagens bíblicas, nas imagens encontradas junto às primeiras comunidades cristãs, especialmente em Roma, na Tradição da Igreja, que perpassa os tempos e chega até nós como fonte de: Fé, Esperança e Caridade. É Ele quem nos ama, chama e envia em missão! Jesus, o Bom Pastor, é nossa inspiração para “Igreja em Saída”, nas comunidades educativas em pastoral.

Se até então, a elaboração desse documento era um sonho, agora é realidade. A ANEC conta com você para fazer ecoar da melhor maneira possível, na sua instituição de ensino católica e na sociedade em que vivemos, o que, nas páginas desse documento, apresenta-se como Linhas de Ação Pastoral. Seu empenho no trabalho Pastoral dará continuidade a obra do Bom Pastor e, por meio de sua cooperação, Ele continuará a conduzir todos do espaço escolar e universitário no caminho das bem-aventuranças.

Conheça, divulgue e coloque em prática o conteúdo das Linhas de Ação Pastoral que pode ser visualizado no site da ANEC.



Visualize o livro
acessando o site
da ANEC pelo
QR CODE ao lado.

➤ Organização da publicação

Cláudia Chesini (Setor de Pastoral/Relacionamento Institucional ANEC) e Claudino Gilz (Diretoria Nacional ANEC).

➤ Elaboração da publicação – Grupo de Trabalho Pastoral da ANEC

Irmã Ana Paula Batista (Colégio Santa Rosa de Lima), Profª. Rita de Cassia Marques Kleinke (Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus), Prof. Bruno de Macedo Postiglione (Centro Universitário São Camilo), Prof. Humberto Herrera Contreras (Faculdade Padre João Bagozzi), Prof. Joaquim Alberto Andrade Silva (União Brasileira de Educação Católica – UBEC), Pe. Eduardo Ribeiro (Pastoral da Educação – CNBB), Pe. João Marcos Araújo Ramos (Universidade Católica Dom Bosco – UCDB) e Prof. Luiz Gomes de Moura (Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE).

➤ Produção Gráfica e Editorial

Comunicação ANEC/Agência BEAR

➤ Revisão Textual

Prof Edilaine Lopes – Colégio Santa Catarina (Novo Hamburgo)
Prof Humberto Herrera Contreras – Faculdade Padre João Bagozzi
Prof Rodinei Balbinot – Rede Santa Paulina
Irmã Valéria Andrade Leal – Instituto das Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus
Comunicação ANEC – Agencia Bear.

Feliz Natal!



